

VICENTE DE CARVALHO

LUIZINHA

Os humildes Crianças Estremos
Em roda do fogo Selvagem - Luizinha



COMPANHIA GRAPHICO EDITORA MONTEIRO LOBATO
Praça da Sé, 34 - 1924 - São Paulo

O S H U M I L D E S

Seriam trez horas, por uma radioza tarde de Abril, quando o vijia do Pecê fez soar a buzina, alvoroçando a praia com a noticia de que havia peixe á vista. Desde muitos dias os pescadores do alto denunciavam o aparecimento de um cerrado cardume de tainhas, que vinha do sul aproximando-se da costa. — “E’ grande que *aquaje* (1) tapa o mar! E está bate não bate na praia!” dizia arregalando os olhos o espevitado José Mamagaba.

Logo ás primeiras noticias trazidas pelos que vinham do largo, fôra o Faustino, destacado para o costão do Pecê; e lá, engançado numa alta forquilha de arvore debruçada sobre as ondas, passava as horas, de sol a sol, vijando o mar. Durante dias e dias assim esteve, pesquisando com os olhos a ondulação monotona, suspensa a tiracolo a buzina inutil. Mas, finalmente, chegára o mo-

(1) *Aquaje*, quazi.

mento de dar num toque triunfante o avizo de que estavam á vista as primeiras tainhas do ano.

Ele não as vira, mas era como si fosse. Lonje, para o fundo da estensa baía, destacando na verdura do jundú, fulgia ao sol faiscante um lençol estendido a prumo entre duas estacas: era o sinal combinado com o José Portuguêz, morador solitario da praia do Perequê; e indicava, que a manta de tainhas, a toda hora esperada, fôra dar ao canto daquela praia, na tranquila enseada, tão procurada pelo peixe, onde o Piavú despeja as suas aguas claras.

Ao som alviçareiro da buzina, tudo se assanhou. As crianças, numa ruidosa alegria, correram logo para o Pecê, em bandos barulhentos, tagarelando, aos saltos e aos gritos. Pelas casas, os que estavam dormindo a sesta saltaram da cama esfregando os olhos; os que jantavam levaram apressadamente á boca as ultimas colheradas; mulheres, numa azafama, davam a ultima demão a algum arranjo cazeiro, na anciedade de sair. Largando as enxadas no chão, os que andavam nas roças deciam morro abaixo, deixando-se escorregar pelos barrancos, cortando por atalhos. E na fonte as lavadeiras recolhiam ás pressas as roupas mal enxutas estendidas no capim.

A pouco e pouco toda a população da praia foi chegando e amontoando-se confuzamente na estreita faixa de areia do Pecê. Só algum velho estragado dos anos, cego ou tropego, se deixára ficar em caza, remoendo a sua saudade sem remedio. Todos os mais, até as criancinhas de peito penduradas ao seio das mãis, tinham vindo para ali, para a festa da fartura e da alegria, que começam nas praias com o primeiro lanço da rede grande.

Deceram para o mar as quatro canoas maiores. Numa delas, tocada a seis remos, ia a rede. Nas outras, depois que ficaram boiando, balançadas na arrebentação preguiçosa das últimas ondas, foram entrando as mulheres: entre rizadas, com gritinhos de susto, arrastavam na agua as barras dos vestidos arregaçados até á curva do joelho.

Embarcaram tumultuozamente as crianças mais taludinhas, as que podiam chegar ás canoas por seu pé, algumas com agua quazi até ao pescoço. A miuçalha foi trazida a braços para o colo das mãis. E, carregadas afinal, calcadas na agua até quazi á borda, com as velas trapejando ás rajadas da frouxa viração, as quatro canoas, emparelhadas, romperam galhardamente pelas ondas alvas, franjadas de espuma, da pequena

angra do Pecê, e entraram na vasta baía verde e oçilante do Perequê, cuja extensão de mais de uma legua de mar grosso tinham de atravessar...

Decêra o sol para traz da varjem, alvejando no céu as primeiras estrelas ainda sem brilho, quando Manoel Pedro começou a soltar a rede. O cardume era grande de verdade, e foi preciso cortar pelo meio dele. Quando percebeu que não podiam cercar o peixe todo, porque a corda estava no fim, Manoel Pedro mandou ciar. O pôpeiro, ciou, a canôa descreveu uma curva rapida; e, de chumbada em chumbada, as cento e vinte braças de rede foram caindo na agua.

Depois, a canôa aliviada tomou o rumo da praia, veiu tocada dos seis remos, correu como uma flexa na arrebentação, chegou á ressaca, encalhou na areia. Os canoeiros saltaram, aguentando o cabo da rede. Parte dos que já tinham desembarcado na praia, homens, mulheres e crianças, juntaram-se-lhes. Os mais já lá estavam, a umas duzentas braças dali, atracados á outra corda.

E, de um lado e de outro, era só puxa que puxa. Fortes e fracos, empinado o corpo, firmado o pé no chão, as duas mãos agar-

radas á grossa corda de embirossú, cada um punha naquilo toda a força dos seus musculos. A esse esforço reunido, o pezo da rede, augmentado pela vazante da maré, cedia vagarosamente: pouco a pouco creciam as cordas que iam sendo colhidas e ficavam largadas na areia, meio enroscadas, como duas negras serpentes mortas.

— Desta vez é familia grande! Ali dentro tem peixe por dezafôro! dizia o Mamamgaba no seu famozo vozeirão.

— Tem muito peixe! afirmava laconicamente, de quando em quando, algum velho pescador autorizado.

— Tambem o cardume era por demais, nem se sabé até onde iria! tornava o Mamamgaba. E o mar estava forrado que parecia um chão. Homem, a gente era capaz de andar ali em cima a pé enxuto, e viajar por essa costa a fóra em cacunda de peixe, sem molhar o tornozelo!

— Por que você não fez a esperiencia? perguntou uma voz chocarreira.

— Porque não tinha viajem p'ra fazer hoje, respondeu ele prontamente.

Houve algumas rizadas. E o Mamamgaba, cheio de entusiasmo:

— Puxa, gente mole! Puxa, que hoje é dia de se ficar sem pele na palma das mãos.

O grande malandro, tagarela incorrigível, gesticulava sempre de cada vez que falava. Enquanto isso, as suas mãos, ocupadas a fazer gestos, descansavam da aspera corda de embirossú.

Adiante dele, torcida no joelho a perna que em pequeno quebrara, mancando grotescamente de cada vez que mudava o pé, Faustino conservava-se calado, dando ao serviço todo o seu esforço de aleijado e de raquitico. Só os seus olhos repouzavam — postos na graciosa figura da moça que em sua frente fingindo puxar a rede, mal apoiava na corda esticada as duas mãozinhas frajeis.

Era Joaninha, a linda, a*cobiçada filha de Manoel Pedro. Por ela batia em todas aquelas praias, numa extensão de leguas, mais de um coração de moço enfeitado pelo seu encanto. Faustino adorava-a de uma paixão envergonhada e discreta, que só vagamente dezabafava naquelas cantigas cheias de melancolia, improvisadas á viola, de que todos gostavam, que as mulheres, encantadas, decoravam, das quais se dizia “ que não havia outras assim...”

Desde principio colocara-se disfarçadamente o aleijado junto de Joaninha, e, por uma habil manobra, mantinha o seu lugar perto da moça. De cada vez que chegava á

areia solta, quazi no barranco do jundú, tinha de largar a corda para a ir de novo pegar em baixo, na ressaca. Ele decia para a beira do mar com a lentidão natural do seu passo de aleijado, até que a moça, desembaraçada e ligeira, passasse adiante. Acompanhava-a então, movendo rapidamente a sua perna torcida. E assim a posição de ambos na corda conservava-se sempre a mesma: ela adiante, dando-lhe as costas; ele, fartando os olhos numa estaziada contemplação do seu corpo, sentindo-a pertinho de si, sorvendo o aroma do seu cabelo...

Do meio do mar surtiu a lua esbranquiçando a noute. Numa faixa luminosoza, o seu reflexo pairou sobre a esmeralda da baía, ocilando na ondulação, palpitando no tremor da agua, com uma poeira de ouro. A' claridade do luar, apareceram, numa estensa curva, a certa distancia ainda, as boias de cortiça da rêde. Algumas tainhas começavam a saltar, fujindo dessa prisão em que se sentiam arrastadas para a praia; e nadadores afoutos saiam pelo meio das ondas para suspender a toda a altura do braço a rede que boiava na flôr dagua. Ganhava a todos o entusiasmo do lanço farto prestes a

dar em terra. E quazi todos os que puxavam as cordas iam atropeladamente pegal-as no mar, em plena arrebentação, alguns com agua até á cintura.

No meio desse dezordenado movimento, houve uma ocazião em que Faustino e Joanninha ficaram sós, na ponta da corda. Uma especie de embriaguez apoderou-se do aleijado, dominando a sua calada timidez de sempre. Nunca ele tivera Joanninha tão perto de si como nessa tarde; nunca pudera, como nessas horas cheias de uma delicia nova, contemplar assim o corpo bem amado, sem que os olhos dela ou de estranhos fizessem baixar ou desviar discretamente os seus... E como quem sente uma vertijem, e se precipita no abismo que o atrái, Faustino rezolveu falar, dizer todo o seu amor, provocar de uma vez o dezengano que temia. Com os beiços tremulos, o coração batendo apressado, murmurou quazi indistintamente:

— Joanninha, eu queria lhe dizer uma couza.

A moça não se voltou, não respondeu; nem ouvira de certo. Tinham chegado quazi ao barranco do jundú; e ela, naturalmente, sem afetação, largou a corda, deceu para a beira do mar. Faustino seguiu-a. E ambos, com os pés mergulhados na ressaca murmu-

rante ocuparam de novo na corda as suas posições: ela adiante, ele depois.

— Joaninha, tornou Faustino, ouviu o que eu disse?

A sua voz comovida, tremula, sussurrava, com um fervor de supplica.

A moça voltou o rosto; e muito séria, com o olhar tranquilo posto nos olhos dele, respondeu:

— Ouvi. Ouvi muito bem. Mas não gosto de brincadeiras comigo, sabe?

As primeiras palavras timidas em que Faustino encetara a confissão do seu amor, até aí padecido em silencio tinham sido como o despedaçamento de uma represa: como a agua longamente acumulada e que de repente abre caminho, a sua paixão rompeu, rolou impetuosamente, tumultuando num turbilhão de frases dezordenadas. Curvado para a frente, quazi a tocar com os labios o cabelo da moça, Faustino falou-lhe baixinho:

— Escute, Joaninha, não é brincadeira... Antes fosse, que eu não penava tanto como peno. Escute, não se zangue comigo. . Só o que eu faço é lhe querer bem, muito bem, muito, muito, muito!... E ha tanto tempo!... Ainda eramos pequenos... Eu era um pobre enjeitadinho, aleijado, franzino, sem ampa-

ro... Só você tinha algum agrado para mim, lembra-se?... Eu não tinha a quem querer, dei-lhe todo o meu coração. Crecêmos... Você ficou a moça que é, bonita como não ha outra... Eu fiquei sendo sempre o mesmo aleijadinho sem amparo, com o coração batendo por você, só por você, Joantina... Esta paixão é minha vida.. Conheço que hade ser custozo você gostava de um coitado como eu... Quando penso nisso, aperto o coração com as mãos, de medo que ele me estale o peito... Mas eu não tenho culpa, não é? Eu não tenho culpa de ser como sou... Esta paixão é minha vida, Joantina... Si eu não *lhe* visse mais, ficava como cego, nem sabia o que havia de fazer dos meus olhos... E si você quizesse. O meu rancho é pobre, mas o ninho dos passaros é mais pobre, e eles vivem felizes. Eu nada mais tenho do que o meu corpo enfezado... Mas o mar é dos valentes. Si você me quizesse bem, parece que eu era capaz de arcar com o mundo... A vida ficava sendo uma claridade... A's vezes imajino que você está num altar, e eu embaixo, de joelhos, *lhe* adorando como se adora uma santa... De joelhos, de joelhos é que eu queria estar para *lhe* dizer tudo isto Joantina... E eu imajino que de repente você déce do seu altar, vem para mim, passa o braço no meu pescoço, aperta

o peito contra o meu peito, chega a boca na minha boca. E assim ficamos o resto da vida, esquecidos naquele beijo.

Joaninha largou bruscamente a corda da rêde, e, sem nada dizer, sem se voltar, dirigiu-se num passo vagaroso para a beira do mar. Faustino, arquejante, na mesma posição, curvado para diante, sem corajem de fazer o menor movimento, seguia com o olhar desvairado o vulto da moça, que se foi afastando lentamente, até que se apagou de todo na brancura fôska do luar mareado de salsujem.

— Olá, pernetta! Emquanto a gente esfóla a mão na corda, você toma o fresco da noite, hein?

Era o vozeirão de Mamamgaba, que aproveitava a ocasião propicia a um pouco de proza e de descanso. Absorto, Faustino nem o ouviu. E o outro, com uma larga gesticulação em que empregava braços e mãos:

— Ora já se viu que freguez! Não basta andar numa perna só, como sací, e ser sumido de figura como é... Emquanto a gente, que tem força como trez duzias dele, puxa pelo talento e súa na corda, o sací fica muito

quieto, contando as estrelas, com as mãos atrás das costas, como moço da cidade!

Algumas rizadas acoroçoaram o Mamamgaba. E ele continuou:

— E quando se chega no fim, ele entra na repartição do peixe, que é serviço bom de fazer, e ganha quinhão como si fosse gente.

Faustino, maquinalmente, pegou a corda, poz-se a puxar. E o Mamamgaba:

— Puxa pernetta! Si você não botá a sua força na corda, a rede não chega hoje em terra. Puxa, forçudo!

Novas rizadas o acolheram. E Faustino, irritado, resmungou, olhando-o de revez:

— Sei de uns que têm muita força no braço, mas ainda têm mais força na lingua. Muita paróla e pouco serviço. Cada um cuidando de si já não faz pouco.

Mamamgaba ia responder de certo. Tão atrevido como tagarela, nunca lhe faltava resposta. E o dialogo travado entre ambos prometia azedar-se, dar de si: Faustino, raquítico e concentrado, sentia desde muito uma espontanea aversão por aquele rapagão sacudido e dezembaraçado, que falava sempre alto, que em toda a parte e a todos impunha o que dizia no seu vozeirão ezajerado. Provocada directamente agora, irritada num momento em que os nervos do aleijado vibra-

vam, essa aversão ia de certo explodir.. Mas um incidente veio interromper os dous adversarios: os pescadores mais praticos perceberam de repente que o pezo da rede afrouxava, afrouxava. — “A rede está furada! Foi algum cação”! — exclamou uma voz.

A noticia funesta correu ao longo das duas cordas, já proximas. E então, para impedir que o peixe todo acabasse de escapar, uma furioza atividade se desenvolveu — “Puxa! Puxa”! gritavam diversas vozes. Todos puxavam o mais que podiam, num frenezi, procurando correr, arrastar ás pressas a rede de parte do pezo, e cujas boias balouçavam já na arrebentação.

Afinal, uma ultima onda a trouxe, depositou-a na praia, e deceu, encardida de areia. Poucas tainhas — umas trezentas talvez — esparramaram-se tentando nadar no chão molhado. Depois, começaram a saltar. E, ao reflexo do luar, a brancura das suas escamas prateadas, faiscava.

O peixe todo foi amontoado, contado, repartido. A Manoel Pedro, como dono da rede, coube metade. Da outra saíram os dous quinhões de cada canoeiro, o quinhão de cada homem, o meio quinhão de cada mulher. E enquanto o pessoal da rede a

ia embarcando na canoa, colhendo-a de vagar, depositando-a no paneiro com todo o cuidado, para que as chumbadas e as boiãs não se enrolassem nas malhas do fio, os outros, dezocupados, espalhavam-se ao acaso.

Num grupo de moças, Joanhinha sentara-se á beira do jundú. Perto, crianças rolavam na areia solta. Uma das moças propoz ir em á fonte que corria proxima, no sopé do morro, e cujas aguas cristalinas, num fio lacrimozo, caiam sem rumor de cima de uma pedra núa sobre o mar. Todo o bando, entremeado das crianças que se lhe haviam misturado, abalou, menos Joanhinha, que ficou só, sentada no barranco, a cabeça inclinada para o peito, seguindo distraidamente com o olhar os sulcos que o seu pézinho descalço, movendo-se de um lado para outro, ia riscando na areia.

Faustino, a pouca distancia, devorava-a com os olhos. Viu-a sózinha, viu-a pensativa. Aproximou-se dela, falou-lhe:

— Zangou comigo, Joanhinha?

A moça ergueu a cabeça, num movimento de impaciencia, e, fulminando-o com um olhar carregado, respondeu bruscamente:

— Me deixe, ouviu?

Faustino curvou a cabeça. Quiz falar, defender-se, disputar para o seu amor o co-

ração de Joaquina; mas as palavras calorosas, de desesperada paixão, que sentia tumultuarem-lhe no cerebro, não lhe chegavam á garganta. Venceu-o afinal um grande desanimo. Sentiu-se deenganado, compreendeu que a sua esperança de ser amado por Joaquina tinha sido apenas uma cegueira sonhadora. E, comovido, como apartando-se para sempre de tudo que fôra o encanto de sua vida, afastou-se, decendo sem destino, atordoado, pela praia... Postos no chão os olhos razos dagua, o aleijado apenas via a sua propria sombra que se alongava na areia dezenhonçando-se grotescamente de cada passo em que ele manquejava.

Poucos passos tinha dado Faustino. A fraze impaciente e rispida com que Joaquina o escorraçára zumbia ainda nos seus ouvidos; e, de repente, uma duvida consoladora o assaltou, iluminando a sua alma como um jorro de claridade. Quem sabe? Ele era um inesperiente que até ali só conhecêra do amor o que sentia. Era bem possivel que a atitude de Joaquina tivesse significação diversa da que ele, na sua inesperiencia, lhe atribuirá. Aquela repulsa, que parecera a condenação final do seu sonho, podia ser apenas o

ultimo esforço de um coração vencido mas arisco, recuzando entregar-se sem rezistir. Talvez não fosse mais do que a finjida esquivança de moça recatada disfarçando em palavras de enfado e em gestos de amúo a confusão de sua alma surpreendida...

Reanimado, Faustino parou em meio da praia, voltou-se, encaminhou os olhos para o lugar em que deixára Joantina. A moça continuava sentada no barranco do jundú. De pé, deante dela, gesticulando, Jozé Mamangaba dizia-lhe palavras, que, pela distancia, Faustino não ouvia. Clareado pelo luar, pareceu a Faustino que o formozo rosto de Joantina resplandecia. Instintivamente, ele adivinhou — porque, de lonje, não o podia vêr decerto — que o seio da moça arquejava, que havia em seus olhos um fulgor de paixão, que um sorriso enleiado florescia em seu labio, que uma branda vermelhidão rozava a sua face morena...

Mamangaba falava vivamente: Joantina movia a cabeça num gesto indecizo de frouxa negativa. Ele insistia, ela outra vez negava brandamente. E quando o Mamangaba, com um largo acionado, lhe disse a ultima fraze, e se afastou — a moça, vencida ou enfarada, nada respondeu: deixou pender a cabeça para o peito, e assim ficou, pensa-

tiva, acompanhando distraidamente com os olhos os sulcos que o seu pézinho descalço recommençára a traçar na areia...

A cena fôra rápida, e rápida foi a pungente impressão de ciume que despertára em Faustino, e que ele sentira inopinadamente como uma punhalada traiçoeira. Vendo agora o Mamamgaba afastar-se descuidadamente de Joaninha, gingando o corpo, o velho chapéu á banda, o cigarro fumegando nos beiços — e ir misturar-se, gesticulando e falando, ao grupo de canoeiros que recolhiam a rede, pareceu a Faustino que fôra victima de uma alucinação. O Mamamgaba, inesgotável tagarela, falara de certo a Joaninha como a toda a gente falava. Era evidentemente absurdo imaginar naquele rapido colloquio, casual e insignificante, um romance de amor. Joaninha continuava, como antes de se lhe dirijir o Mamamgaba, absorta e preocupada... E Faustino relacionava naturalmente essa preocupação da moça, que o dialogo com o Mamamgaba não interrompera, com as couzas apaixonadas que ele, Faustino, lhe dissera quando juntos puxavam a rede.

— Ela pensa em mim! Pensa no que eu lhe disse! — afirmava a si mesmo o aleijado.

E, arrastado por um irrezistível desejo de averiguar a deslumbrante verdade que lhe parecia adivinhar, de novo se encaminhou para Joaquina.

Mas, nesse momento, a buzina soou, dando o sinal da partida; e todos os que se achavam disseminados pela praia converjiram apressadamente para as canôas, que balançavam já na ressaca, prontas para a volta.

Joaquina foi das primeiras a embarcar. Faustino arranjou-se de modo a aboletar-se na mesma embarcação. Recostado á prôa, ele podia assim, durante a viagem toda, devorar com os olhos a figura da moça.

Vencida a arrebentação, entradas as canôas na ondulação tranquila do mar largo, uma voz sôou acompanhando os sons de uma viola, e cantando:

Minha mãe já me ensinava
A regra do bem viver:
Meu filho, come do alheio,
Deixa o teu para vender.

Os remeiros todos das quatro canôas acompanharam o canto, suspendendo o movimento dos remos e repetindo em côro:

Quem sabe, come do alheio
Deixa o seu para vender.

O violeiro tornou:

Lá bem no cimo do monte
Fica a mais alta palmeira...
Não ha dinheiro que pague
Beijo de moça solteira.

E o côro dos remeiros:

Não ha dinheiro que pague
Beijo de moça solteira.

— Isso não ha mesmo! comentou Jozé Mamamgaba com entusiasmo chocarreiro, no seu vozeirão.

Mas uma voz lembrou que Faustino devia cantar alguma das suas *módinhas*. De todas as canôas, mulheres e crianças insistiram: — Cante, Faustino!

O violeiro passou-lhe a viola. E Faustino cantou, na tristeza do luar e no silencio quebrado apenas pelo rumor surdo e monotonico das marolas que as prôas cortavam, e das remadas que, num ritmo compassado, faziam borbulhar a agua:

Eu sou como aquela fonte
Que vem, tão triste, a chorar:
Dece da encosta do monte,
Corre em procura do mar...

Algumas vozes repetiram em côro:

Dece da encosta do monte,
Corre em procura do mar.

Faustino continuou:

Perdição da minha vida,
Meu amor! Eu bem entendo
Onde vou nesta decida...
E vou chorando... e decendo...

E o côro:

Onde vou nesta decida...
E vou chorando... e decendo...

Faustino insistiu:

Pobre da fonte, baqueia
Na varjem, sempre a chorar;
E turva, turva de areia,
Corre... corre para o mar...

E turva... turva de areia,
Corre... corre para o mar!

cantou o côro. Faustino retomou o tema:

Perdição da minha vida,
Amor que me vais levando,
Terá fim esta decida?
Ha de ter... Mas onde?... E quando?

E o côro:

Terá fim esta decida?
Ha de ter... Mas onde?... E quando?

Faustino terminou a cantiga:

Com pouco mais que descaia
La vai a fonte parar:
Chega na beira da praia,
Morre nas ondas do mar...

E, enquanto a viola ezalava os ultimos sons, como um gemido, o côro de vozes de homens, de mulheres, de crianças, repetia arrastadamente:

Chega... na... beira... da... praia,...
Morre... nas... ondas... do... mar...

As canôas vogavam, emparelhadas, na ampla baía. Para o largo, o mar, plano e vazio, se espraiava até aos confins do horizonte, onde o ceu decia vagamente sobre ele como um silencio estrelado...

Passados alguns momentos, pediram a Faustino outra *módinha*. E ele, com os olhos em Joantina, que sorria distraída e enlevada, cantou com voz tremula de paixão:

E' tão pouco o que dezejo
Mas é tudo o que me falta
Só porque a flor do teu beijo
Pende de rama tão alta.

E o côro.

Só porque a flor do teu beijo
Pende de rama tão alta...

Faustino:

Ninguém sabe o que suporta
O mar que chora na areia
Por essa tristeza morta
Das noutes de lua cheia...

O côro:

Por essa tristeza morta
Das noutes de lua cheia.

Faustino:

Em baixo o pranto das aguas,
Em cima a lua serena:
E eu, pensando em minhas maguas,
Ouço o mar, e tenho pena...

O côro:

E eu, pensando em minhas maguas,
Ouço o mar, e tenho pena...

Faustino:

Meu amor é todo feito
De neblina tão cerrada
Que por mais que em roda espreito
Só te vejo a ti, mais nada...

E o côro:

Ai, por mais que em roda espreito
Só te vejo a ti, mais nada!.

Faustino concluiu:

Ai, minha sina está lida,
Meu destino está traçado:
Amar, amar toda a vida,
Morrer de não ser amado!...

E então o côro, que reunira todas as vozes na mesma emoção, num conjunto em que se fundiam os timbres mais diversos, repetiu, enquanto os remos paravam suspensos no ar:

Ai!... minha sina... está... lida...
Meu destino... está... traçado...
Amar... amar toda a vida...
Morrer de... não... ser... amado...

Resoavam ainda, dispersas no luar, as ultimas notas do canto, quando as canôas embicaram nas primeiras ondas da arrebenção que orlava de espuma a prainha do Pecê.

Puxadas as canôas para junto do jundú, seguiram todos, em pequenos grupos de pa-

rentes ou de amigos, para a praia do Iporanga, pelo caminho de areia, que serpenteava em extensão de uns trezentos metros, átravez do mato. Morador solitário do Pecê, Faustino ficou só. Entrou vagarosamente para a sua cabana, feita de pau a pique mal barreado, coberta de sapé, e que se rezumia numa saleta de entrada servindo de quarto, e numa cozinha. Na saleta, havia um catre feito de varas apoiadas sobre duas travessas que quatro estacas fincadas no chão suportavam, tudo de paus roliços, e tendo por cima uma velha esteira esfarrapada. Um pequeno banco com pernas também de madeira roliça completava a mobilia. Jaziam a um canto, no chão, a caixa dos aparelhos de pesca e um pequeno e enferrujado baú de folhas. Sobre as traves do teto, alguns caniços; suspensas na parede, uma espingarda *picapáu*, uma viola, uma antiga folhinha com vistosa pintura em côres, a imajem de um santo num quadro. Era tudo.

Faustino acendeu a candeia dependurada á parede, na cozinha; fez fogo na tosca lareira, que se reduzia a trez pedras dispostas triangularmente no chão; aqueceu café, tomou-o, e deitou-se no catre. Mas os seus nervos vibravam das emoções novas em que ele passara a tarde, e não pôde dormir. Com os olhos abertos ou fechados, via sempre a

figura de Joaquinha, envolta num clarão onde ás vezes passava, rapida e vagamente, como a sombra de um corvo atravessando o ceu claro, o vulto de José Mamangaba.

Faustino levantou-se afinal do catre, e foi para a porta. Calculou, pela lua já alta, que seria quazi meia noute. Deceu para a beira do mar, sentou-se numa das rochas soltas que, no canto da praia, dão os primeiros sinais do aspero costão que vai começar. Para alem da ponta do *Suruguava*, uma pequena mancha negra flutuava no amplo horizonte; era uma nuvem formando-se no sul, e Faustino pensou que antes do amanhecer haveria uma volta do tempo...

— Adeus, pescaria. Não é ainda nesta semana que se hade matar tainhas, murmurou.

Levantou-se, poz-se a caminhar lentamente pela beira do mar, olhando para o lado em que a praia do Perequê, ao lonje, no fundo da baía, franjava de uma fita de espumas e de areia o jundú alto negrejando no luar.. E, de repente, subiu da beira da agua, enveredou pelo caminho de Iparanga.

A caza de Manoel Pedro, lá para o meio da praia ficava para dentro do jundú, aavez do qual tinha saída por uma curta vereda tortuoza cujas curvas propositais a defendiam dos ventos do oceano. Chegado ao bo-

queirão dessa vereda, Faustino hezitou. Algum cão latia ou uivava de quando em quando, num ou noutro ponto, alarmando o socego da noute adormecida, como embalada pelo rumor monotonico, sempre igual, do mar em calmaria, que se espreguiçava na areia... Faustino desviou-se, penetrou no jundú, e insinuando-se silenciosamente por este, chegou até o chão limpo, sombreado de pitangueiras e murteiras, que rodeava a caza de Manoel Pedro.

Encostou-se a um tronco: e ficou, como um namorado que era, a gozar com delicia a vista daquelas paredes brancas, daquele teto de sapé, daquela caza silencioza, onde Joannha dormia no seu leito virjinal, e adormecêra talvez pensando e dormia talvez sonhando pensamentos e sonhos de amor, desse grande amor que Faustino, aquella tarde lhe dissera nos ouvidos, e lhe cantára depois, durante a travessia no mar, em cantigas transbordantes de indiscreta ternura.

De subito, o aleijado percebeu um vulto atravessando, entre duas murteiras, a estreita aberta que o luar enchia de claridade. Era um homem. Faustino seguiu com os olhos esse vulto, que repenetrára na sombra das arvores, e entre elas se esgueirava. Viu-o aproximar-se silenciosamente da porta da

caza de Manoel Pedro. Proximo dela, o desconhecido modulou um assobio quazi imperceptivel. A porta abriu-se instantes depois, e a ela assomou uma figura humana que alvejava indistintamente na escuridão. Atordado, sem saber que pensasse, comprimindo o coração com ambas as mãos, Faustino percebeu que os dous vultos discutiam em voz baixa, gesticulando: reuniram-se afinal, como num abraço; puzeram-se a andar, abraçados; e, ao atravessarem um farrapo de luar que pendia entre duas arvores, Faustino viu, como na aflita vizão de um pezadelo, viu com os seus olhos, em que não queria acreditar, Joaninha, arrastada por José Mamangaba que a enlaçava pela cintura e a quem ela opunha uma frouxa rezistencia, caminhando para o mato, escuro e silenciozo, onde os dous se embrenharam.

Faustino, imovel, ficou fitando a escuridão vazia do mato, onde a vizão de Joaninha e Mamangaba enlaçados dezaparecêra. Assim quedou, como petrificado, durante alguns minutos. E de repente, como fujindo de um fantasma ou de si mesmo, dezandou a correr, sem destino.

Perdeu o folego, as pernas fraquejavam-lhe; e foi já a passo, cambaleando, que ele

chegou ao canto da praia e começou a galgar e transpor as grandes rochas amontoadas ao acazo no desmantelamento do costão. Seguiu ao longo deste que se entranhava, por mais de um quilometro, na agua. Esse difficil percurso, venceu-o Faustino febrilmente, trepando com ezaltada irritação as pedras escarpadas deixando-se escorregar para as fundas depressões cavadas entre os rochedos, equilibrando-se sem se deter, nas passajens perigozas, sobre a craca das itapevas em que subia e espumava a ondulação do mar.. Chegou, afinal, arquejando, á ponta do Surugua-va, extremo da terra que até ali se alonga e acaba como uma flexa cravada em pleno coração do oceano. Junto daquela ponta, a dous metros dela, um calhau despegado ampara-a, dedicado e humilde, do embate das ondas, que só depois de o rodear no tempo calmo, de passar-lhe por cima nos temporais, atinjem o costão. A sua fórmula valeu a esse calhau o nome de *Candieiro*. Para ele saltou Faustino; sentou-se com as pernas dependuradas para fóra da pedra, e ficou enfrentando o mar e a noute.

A pequena nuvem escura que horas antes, da praia do Pecê, Faustino tinha visto

para a banda do sul, diluira-se num tom cinzento mosqueado de grandes manchas negras, e alastrára-se pelo céu. A lua, envolta nesse pezado véu, decia no poente quasi pouzando já sobre a Serra do Mar, que, esboçada no horizonte, resplandecia ainda de uns restos de claro luar lonjinho. Lufadas de vento do largo esfrolavam a superficie das aguas, fazendo de quando em quando correr por toda ela um longo arrepio. De subito, surpreendida por uma rajada mais forte, alguma onda vinda vagarosamente, magestosamente, do alto, se desmanchava em marretas, que, rapidas, em dezordem, se dispersavam, alvejando, como um bando de gaivotas assustadas.

Faustino olhava o céu, despovoado de estrelas e onde o luar se apagára; olhava o oceano que ondulava surdamente na infinita sombra. Era áquele céu ameaçador, sob cuja proteção ele, crente, pozéra as suas esperanças repentinamente esboroadas; era áquele mar, erriçando-se agora nos prenuncios de um temporal, o mar com quem e de quem vivêra sempre a sua vida de solitario; era áquele céu vazio, áquele mar irritado, que Faustino, mais só, mais dezamparado do que nunca, se acolhia como forajido da terra formidavel — para fazer-lhes, pelos olhos, a confidencia de sua desgraça.

Assim ficou, absorto, mudo, com a alma desvairando em ideias confuzas, obscuras, que se entrechocavam, num tumulto, como as ondas que Faustino via correrem desvairadamente na sombra, sob o céu pezado de nuvens que corriam desvairadamente...

Assim se passaram as horas. A lua entrou; o céu tornou-se negro. Pouco antes de amanhecer, o temporal que se ensaiára longamente em rajadas intermitentes, dezenca-deou-se em tufão. A leve agitação do mar creceu, transformou-se em furia desgrenhada e ruidora. Todo o horizonte fechado pela cerração dava a Faustino a impressão de um muro lugubre, cinjindo, num pedaço de mar de tormenta e de um céu de chumbo, a sua existência..

Afinal, o temporal passou, desfeito num aguaceiro forte; um vago mormaço clareou o dia, ampliou o horizonte; mas o mar, que se sentira fustigado, continuou a esbravejar, cada vez mais bravo.

Em certo momento, apareceu ao lonje, rolando do largo para terra, uma onda enorme. Próxima do *Candieiro*, essa onda encontrou o refluxo da que a precêdera, e que voltava repelida pelo costão. Dominou-o, absorveu-o, creceu com ele, e, imensa investiu, roncando sobre os rochedos. Instintivamen-

te, Faustino levantou-se, saltou para a terra firme, correu pela rocha escarpada lá cima. Era tempo. A onda alagára o *Candieiro*, deixando-o mergulhado sob uma imensa massa d'agua, e trepára por um grande pedaço da itapéva. Quando ela voltava, rolando pela pedra abaixo como numa dezordenada precipitação de fuga, Faustino, olhando-a vagamente, sacudiu os hombros:

— Susto, de que? murmurou.

Continuou a olhar vagamente; a pouco o rosto contraiu-se-lhe, o olhar fixou-se concentrado na onda que decêra e que, encontrando outra vinda do largo, enrolava-se nela e preparava-se para assaltar e alagar novamente o costão...

Faustino teve uma nova sacudida de hombros; murmurou:

— Para que?

E, vagarosamente, dirijiu-se, pelo costão a dentro, para o lado da praia, isto é, da vida.

A' saída do costão na praia, logo no canto desta, Joaninha, em companhia de trez ou quatro crianças, brincava á beira do mar, mergulhando os pés na ressaca.

— *Cadê* o peixe, pescador? perguntou em tom de caçoada a Faustino, vendo-o vir do costão com as mãos vazias.

Estava alegre, de uma alegria que parecia sorrir-lhe nos olhos vivos, transbordar-lhe de todo o semblante luminoso, esvoaçar em todo o seu ar leve... Nem já se lembrava, por certo, das loucuras que Faustino lhe dissera na vespera. Sentia apenas, mais expansiva porque toda ela estava expansiva de felicidade, a amizade quazi de irmã que desde pequena votara ao aleijado.

Faustino respondeu-lhe com uma voz lenta, que tremia:

— Não fui pescar..

E seguiu, desviando os olhos da moça.

A' entrada do caminho do Pecê, alguns pescadores, palestravam, em grupo, uns sentados á beira do jundú, outros de pé.

— O' vija, perguntou Jozé Mamamgaba, com intenção de troça, a Faustino que se aproximava — descobriu alguma manta de tainhas encahada aí pelo costão?

Faustino deu um bom dia geral, e passou, sem responder ao Mamamgaba.

— Com este mar, considerou Manoel Pedro, o peixe podia aparecer até na arrebenção, que era tempo perdido; estava livre

de que ninguém o fosse cercar. Mas não aparece. Com o temporal, ele afunda pr'a o largo..

— Não, que ele tem pele e osso, e não quer se arriscar a bater com as costelas por essas pedras. Com o mar zangado nem os peixes brincam — opinou o Mamamgaba.

— Isso não, disse de um lado o velho Antonio Cuba. A maimbá, o guarabebê, a pirajica, o parati-apuan, o mesmo sargo, são peixes que afrontam o costão quando o mar está grosso. Até fazem pegadeira no ressôlho das ondas grandes que atrepam pela racha das pedras.

— E' assim, confirmou Manoel Pedro. Quazi todo o peixe de caniço gosta de pegar com o mar bolido, no ressôlho.

— *Menas* a garôpa, contraveiu Mamamgaba. A garôpa é peixe muito de bem, não se mete em barulhos...

— A garôpa é outro cazo, explicou Manoel Pedro; só péga com mar manso porque com o mar repicado não se póde ir aos pesqueiros onde ela mora. Que a garôpa é peixe morador...

— Isso é, disse Antonio Cuba. Comigo já me aconteceu um cazo que até parecê por demais. Aqui ha tempos, fui, mais o compadre Zé Benedito, divertir de caniço nos *Gua-*

— Rodeámos todos os pesqueiros da ilhota sem sentir nada.

— Acontece, concordou Manoel Pedro.

— Não vê que as aguas estavam claras...

— Com a agua clara é asneira, interrompeu Mamangaba. Quando o peixe vê a linha, cheira à isca, e sente logo que ela está estragada, com gosto de anzol.

Antonio Cuba continuou :

— “Homem, disse eu, aqui não fazemos nada. Vamos tentar alguma couza dentro da barra da Bertioga. Lá, como a agua no canal é mais turva, póde ser que se mate alguma garopinha p’ra jantar”. Tinhamos isca boa, sayelhas de dous dias, que estavam mesmo no ponto. Fomos. Poitámos por toda aquela costeira. Sentimos uns peixinhos, couza de nada, que não se afirmavam na linha. Na laje grande que fica perto da barra, bem sobre a racha de fóra, ferrei uma garopeta vermelha, ainda criança, de um palmo curto. Passei-lhe a faca no queixo, enfiei-a na corda, e ela ficou nagua, nadando, muito importante, como si fosse pessoa de consideração. Como o peixe não pegava mesmo, fomos até à Bertioga, comprar uns trens e matar o bicho. Lá, na beira da praia, o compadre Zé. Benedito, muito arreliado, disse: “Levar

isto pr'a caza, antes não levar nada", e, de
zatando a corda, soltou a garopinha. Ela inda
pererecou um pedaço nagua, mas afinal me-
teu a cabeça no fundo, raspou-se, sacudindo
o rabo, de contente. Eu disse ao compadre:
"Esta não arranja mais, a vida, coitadinha.
Do lado de cá da praia não póde ficar, qua-
não hade comer areia; p'ra o costão não
póde atravessar, que de certo nem sabe o
caminho, e, inda que soubesse: assim, larga-
da, não conseguia passar toda a largura da
barra sem cair na boca de algum méro" —
que ali é a terra dos méros. Pois senhores,
trez *somanas* depois, tocados do alto por um
tempo de sueste que caiu de repente, fujimos
para a barra da Bertioga; ficámos inverna-
dos trez dias naquela gruta da costeira. P'ra
ocupar o dia, e ter o que comer, andavamos
mariscando por aqueles pesqueiros, com isca
de algum guaiá que se apanhava. De uma
feita, soltei a linha na mesma racha da laje
do canal, onde da outra vez tinha pescado
a garopinha que disse. Daí a nada senti um
toc, toc, beliscando no anzol. Ferrei, puxei;
era uma garopêta vermelha, de um palmo,
com o sinal da faca e da corda no queixo.
O couza rúim do peixinho tinha atravessado
toda a largura da barra, e tinha ido de certo.

ao comprido do costão, procurando, de toca em toca, o buraco que era sua morada... (1).

— Não tem que ver, apoiou Manoel Pedro, a garôpa é peixe morador..

Nesse momento dobrou o pontal do *Suruquava*, muito ao largo, fumegando fumo negro pelas chaminés, um paquete da *Mala Real*, saído do porto de Santos, e que navegava para o norte. Percebia-se o balanço que o sacudia, e em que ele afundava e alteava sucessivamente a proa e a pôpa.

— Lá vai o inglez, disse um do grupo.

— E o mar lá por fóra não está de brincadeira, observou Manoel Pedro. Olha como o inglez joga, nem que fosse uma canoa.

— Éta, *ingrez*, exclamou o Mamangaba; você parece que saiu mas foi do *shipexandre*. Você vai cambaleando que até é uma vergonha, *ingrêz!* Você tá na bitra, *Jones!*

Chegado á caza, num passo vagarozo em que a sua perna de aleijado arrastava, Faustino dirijiu-se para o pequeno baú de folha que jazia a um canto, no chão; e, tendo-o nas mãos, sentou-se á beira do catre. Colo-

(1) Esse cazo, realmente curiozo pela coincidencia, passou-se, em substancia, com o proprio autor do livro,

cou o baú sobre os joelhos. Olhou-o longamente; depois, dando um suspiro, abriu-o. Procurou, no fundo, sob algumas peças de roupa, um pequeno pacote, que de lá retirou: era um pedaço de jornal velho, que Faustino rasgou, e que embrulhava um rôlo de notas do Tezouro. Aquele dinheiro que, desde os primeiros dias da sua adolescencia, Faustino accumulava vintem a vintem, com avareza e amor, pensando vagamente num lar iluminado pela irradiação de Joaninha, representava mais de que o fruto de seu trabalho: era a flor, a flor que ele até então abençoara, da sua miseria padecida sem desfalecimento durante seis longos anos... Faustino ficou considerando algum tempo aquele dinheiro inutil, aqueles centos de mil réis que tão inutilmente contrastavam com a nudez da sua cabana vazia... Depois, deixando cair dos joelhos o baú, debruçando-se no catre, com o rosto mergulhado nas mãos crispadas, vencido e entregue afinal, poz-se como uma criança, a soluçar alto, afogado em choro.

Passára o tempo das pescarias, as tainhas tinham desaparecido com os ultimos frios de Agosto. Toda a população adventi-

-siga, que a pesca reunira na praia durante
 alguns mezes, espalhara-se internando-se pe-
 las fendas das varzeas, pelas abas de morro,
 onde tinham os seus sitios, e as suas cazas, á
 beira dos rios e das gamboas. Jozé Maman-
 gaba fôra dos primeiros a abalar. Passára
 por ali, de volta, uma dessas *folias* do Espi-
 rito Santo que, no tempo farto das pesca-
 rias, correm dezenas de leguas, esmolando
 de praia em praia para as despesas do culto
 de alguma capelinha humilde, consagrada a
 algum santo milagroso, num lonjinho bair-
 ro de S. Sebastião ou Caraguatatuba. Ma-
 mangaba, folião de nacença, aproveitára a
 passagem da *folia* como meio de voltar em
 boa companhia para sua terra; e lá se foi
 com ella, foliando de praia em praia, tocan-
 do viola e cantando no côro do *Divino* e nos
 cateretês alegres, contando lérias aos homens
 e amando as mulheres. .

Tinham ficado no Iporanga só os mo-
 radores, umas trinta familias, essas mesmas
 desfalçadas: muitos lá andavam na pescaria
 demorada e aventureza das ilhas de fóra,
 outros garopeavam, abrigados em ranchos
 improvisados com folhas de palmito, nos
 costões remotos dos Itaipús, ou na remanço-
 za costeira do Suan... Dos homens, os que
 não andavam no mar passavam os dias cui-
 dando das roças, do arroz nos terrenos en-

charcados, da cana e do feijão nas encostas mais suaves, da mandioca, nas varzeas de areia. As mulheres absorviam-se nos misteres cazeiros, cozinham e remendavam as roupas, ou lavavam nas fontes, cantando, na sombra do mato sussurrante, rodeadas das crianças que peralteavam espicaçadas pelas mutucas. A praia, recaída na monotonia da sua vida normal, era, durante os dias abraçados pelo sol, durante as noutes, sob o ceu de verão formigando de estrelas, uma solidão silenciosa, onde raro passava, deslizando em silencio pela beira do mar adormecido, algum vulto humano.

No ermo do Pecê, Faustino arrastava os seus dias e as suas noutes. Cuidava, com uma preguiça dezanimada, das suas roças, outrora tão limpas, e que agora o mato, repellido frouxamente, invadia pouco a pouco. Caniçava pelo costão, para comer; raramente ia até á praia do Iporanga, comprar algum pouco de assucar, de café, de sal. Ninguém déra pela sua auzencia e pelo seu retraimento. O aleijado nunca fôra comunicativo, ou alegre; tornara-se apenas mais arredio e mais triste, e ninguem puzera reparo nisso. Acostumara-se a descançar á tarde, sobre uma pedra alta, á beira do mar, de onde ficava olhando horas e horas, com um olhar de infinita saudade, a fita de areia

branca que franjava o jundú, lá para o remoto fundo da baía do Perequê. Nessa estreita faixa de areia, o mizero tivera o unico instante feliz da sua vida, uma iluzão momentanea e tão bruscamente desfeita, de que era amado. Entrava a noute e, rezistindo com a alma ao cansaço do corpo, só tarde, o mais tarde que podia, ele se recolhia ao seu catre, de onde o sono tranquilo dezer-tára para sempre, e que borbulhava de pezadelos.

Num entardecer, dos fins de Novembro, formava-se ao norte uma trovoadá. O ar abafava. Sob o sol que esbrazeava todo o poente num clarão cõr de sangue vivo, o mar, de um azul fõsco, adormecera, como quebrantado pelo calõr, num socego de agua parada. Faustino, sobre o rochedo a que se acostumara, absorvido nos seus pensamentos, nem sentia o calor do ar, que o alagava em suor; embebido na vista da praia do Perequê onde a areia fulgurava com matizes de purpura no reflexo do ocaso, Faustino nem ouviu o rolar surdo da trovoadá, que passava ao lonje, nem deu atençaõ ao rapido aguaceiro de pingos raros, grossos e frios que lhe ensõparam as vestes... A trovoadá lá se foi rolando surdamente pelo ceu fóra, até perder-se na distancia... E

Faustino ficou, como sempre, sobre a rocha nua, até tarde da noute.

Quando se deitou, sentia como uma opressão no peito e um pezo na cabeça. Dormiu agitado. Alta hora, acordou com calafrios em que fazia tremer o catre. Teve sede. Levantou-se, foi á cozinha, esgotou de um trago a cabaça dagua que lá encontrou quazi cheia. Tornou a deitar-se. E ficou o resto da noute, e o dia todo, caído no catre, ardendo em febre, respirando a custo e com dor... Tentou por varias vezes levantar-se, ir á fonte buscar agua; mas não pôde: de pé, a cabeça andava-lhe em roda, bambeavam-lhe as pernas. Para o entardecer, delirava.

Tarde da noute, já quazi para a madrugada, abrazado de sede que todo o dia o atormentara, deceu do catre, arrastou-se pelo chão, falando e gemendo, chamando por Nossa Senhora, pedindo vagamente socorro em voz abafada, desfalecida.. Assim foi rastejando pela praia; perto já do boqueirão em que dezebocava o caminho do Iporanga, perdeu os sentidos.

Manoel Pedro destinara aquela manhã de domingo para vadiar caniçando no costão. Rezolvêra ir, antes de amanhecer, apro-

veitando o reponto da maré de enchente, experimentar algum pesqueiro do Pecê. Ao desembocar na praia, deu com Faustino caído no chão, voltando a si do deliquio em que desmaiara.

Perguntou-lhe, espantado, o que era aquilo.

— Doença, respondeu Faustino.

Manoel Pedro apalpou-lhe a testa, sentiu-lhe a febre.

— Ha de ser maleita, disse.

— Não, murmurou Faustino. E, pondo a mão sobre o peito :

— E' aqui. Mas eu não morro da doença, vou morrer de sede.

Manoel Pedro tentou erguel-o e ajudal-o a recolher-se; Faustino não se aguentava nas pernas, e o velho pescador ainda robusto, pol-o ás costas e carregou-o para a cabana, onde o deitou no catre.

— Vou buscar agua, disse ele.

Agarrou a cabaça caída no chão, e saiu correndo. Pouco apóz voltava. Percebêra que o estado de Faustino era grave; e, depois que este bebeu sofregamente um imenso gole de agua :

— E' melhor você ir para a Santa Caza, que sempre é de mais recurso. Vou prevenir a rêde e canôa para o levarem sem perda de tempo.

— Não, atalhou Faustino. Quero morrer aqui mesmo. Tanto se póde morrer aqui, como na cidade

— Não, isso é verdade, concordou Manoel Pedro. Na cidade até morre mais gente do que aqui.

— Um homem, tornou o doente, não deve correr de nada, nem da morte. Me dê a agua, seu Manoel.

Bebeu outro grande gole, caiu sobre o catre, muito desfigurado, respirando a custo, numa respiração dezigual. Manoel Pedro, alarmado, saiu para ir depressa buscar algum remedio e alguma enfermeira que tratasse do enfermo.

O velho pescador voltou, daí a pedaço, acompanhado de Joantina e de duas vizinhas, já idozas. Joantina entrou no apozento com um ar de curiosidade triste. Não parecia a mesma. Emagrecêra. O seu rosto perdêra a côr, a apparencia de roza viva; desviçava agora numa desmaiada palidez de cêra. O olhar travesso perdêra o brilho, amortecido numa sombra de tristeza, lembrando uma lagoa em cuja escura superficie se adivinha a profundidade da agua.. Uma ruga leve, franzindo-lhe o canto do

labio gracioso, dava-lhe o aspecto de uma linda flor que começa a murchar.

Auxiliando as outras mulheres, Joannha tratou de fazer fogo, ferver agua para o café em que Faustino devia tomar o quinine, varrer a caza. Foi ella quem conseguiu que Faustino tomasse a primeira dóze do remedio que elle recuzára, e que della aceitou em silencio, com humildade. Joannha passou o dia á cabeceira do doente, servindo-lhe de principal enfermeira, atenta e carinhoza.

Para a tarde, caiu uma tempestade forte de trovoadas e chuva. Faustino, que durante o dia tivera acessos de delirio, quando entrou a noite delirava de todo, gesticulando e dizendo com ezaltação frases entrecortadas pela respiração difficil. Lá fóra, a tormenta dezencadeada reinava, enchendo a noite de rumores lugubres; a chuva, em torrentes, escorria, como um choro continuo, do teto de sapé sobre a areia encharcada; as arvores ramalhavam na furia do vento; o mar, muito agitado e muito crecido com o temporal, estrondava no costão e marulhava na praia, pertinho, quazi á porta da cabana. Dentro, no apozeno onde a luz mortica da candeia derramava uma como penumbra vaga, avivada de quando em quando pela refuljencia rapida e livida de um

relampago, só cortavam o silencio a respiração ofegante e a voz surda de Faustino, que delirava :

— O mar está roncando. Ronca, diabo!... E' atoa... As pedras você não abala, ixel! . Ha gente como as pedras... Ronca, diabo!. Passa por cima de mim, que passas por cima de um homem... Eu não fujo... Só uma vez corri, corri, corri até o fim do mundo, até onde a terra acaba na ponta do Suruguava. . Mas não foi de medo que eu fuji. Foi de ver...

Ficou com os olhos arregalados, fixos, a boca aberta, como diante de uma horro-roza vizão. Depois de algum tempo, tornou:

— Aquele Serafim que contam, do tempo de dantes, matou... Penou na cadeia o resto da vida, mas matou. foi homem. Um homem é p'ra outro... Com o tempo que está fazendo é atoa pensar em pescaria... Não ha tainhas na costa. Não vem gente para puxar a rede... Diz que Jozé Mamangaba é forçado... Com o mar é que eu queria ver *ele* pegado. Com o mar ninguém póde. O mar é o homem mais forte que ha (1) *Cadê* o Mamangaba?... Chamen *ele*, que venha. *Tá aí*?... Espera,

(1) Essa fraze estranha ouviu-a o autor a um praiano.

malvado, que tu vais já fazer conhecimento com a minha pica-pau... Pontaria firme!. Fogó! *Páum!*... Caiu!... — Deixe ver!. Não era o Mamangaba, era um passarinho... Que bonito passarinho!... Não!. Não!. Não quero!... Não era passarinho... era o coração *dela*. Foi o coração de Joanhinha que eu matei... Não quero!. Não quero!... Acudam!

Num supremo esforço, conseguiu soerguer-se de leve apoiando-se sobre os cotovelos, com um ar desvairado; e recaiu, de olhos fechados, arquejando, sobre o travesseiro.

Joanhinha acendeu a vela benta preparada para o transe final do moribundo; poz-lh'a na mão que descaira abandonada; e ajoelhando, com as duas velhas, á beira do catre, começaram as trez a rezar em côro:

— Senhor, tende piedade dele!... Senhor, recebei a sua alma no seio da vossa infinita misericórdia!...

Mas Faustino voltou a si. Uma tranquillidade, de luar mortiço no vazio duma planície, espalhou-se-lhe no semblante. Abriu os olhos como quem acorda de um sono pezado; circumvagou o olhar pelas pessoas presentes, fixou-o demoradamente em Joanhinha. . E disse afinal, articulando a custo as palavras, em voz fraca, quazi espirante:

— Eu queria dizer uma couza a Joaquinha, antes de morrer.. Nós nos criámos juntos... fômos quazi como irmãos.

As duas velhas afastaram-se, foram ajoelhar na outra extremidade do apoento, onde ficaram rezando baixinho. Faustino murmurou :

— Me dê a sua mão, Joaquinha... Quero lhe dizer adeus.

Fechou por um momento os olhos; e, reabrindo-os :

— Me perdoe, Joaquinha.. Eu sei tudo... Você também não foi afortunada...

Repentinamente, estinguiu-se-lhe a vista :

— O vento apagou a luz. Acendam a candeia.. Depressa!... Quero ver Joaquinha ainda uma vez... antes de morrer. um momentinho que seja.. Ai, minha Nossa Senhora, como padeço!...

Fez uma pequena pausa; e depois continuou :

— Você também não foi afortunada, Joaquinha... Mas o tempo da pescaria vem logo. o Mamangaba hade voltar... Você hade tornar a ser feliz. Seja feliz, Joaquinha.

E, com uma inflexão infantil de suplica, como esprimindo um supremo desejo que vinha do fundo de todo o seu ser :

— Seja feliz, sim?... Eu vou morrer... Morro só desta doença que me pegou...

Joaninha, vencida pela emoção, deixára pender a cabeça; o seu rosto, lavado em pranto, pouzava na mão do moribundo agarrada ás suas. Sentindo-lhe as lagrimas, Faustino sussurrou:

— Eu vou morrer... Mas não chore... Você sempre me quiz bem, sempre, eu sei... Morrer não é nada... Viver é que custa, não é, Joaninha?

As palavras saiam-lhe cada vez mais difficilmente, como num sopro interrompido a cada sílaba.

— Eu vou morrer porque Deus quer... de doença que Deus mandou.. Ninguém tem culpa...

Depois de um pequeno silencio:

— De certo vou para o ceu... nunca fiz mal a ninguem...

E, num soluço estrangulado:

— Mas o ceu fica tão lonje daqui!...

Duas lagrimas, transbordando dos olhos marejados, rolaram-lhe pelas faces. Pouco a pouco, voltou-lhe a serenidade ao rosto, que se iluminou como de um clarão espiritual:

— Você tambem irá para o ceu, algum dia. Você tambem tem padecido... e o mal que me fez... não foi por querer...

Tentou ainda dizer algumas palavras em que a lingua se lhe enrolou, e que só produziram um som como de gargarejo abafado. Teve um leve suspiro; e, como uma criança que adormece, espirou.

C R I A N Ç A S

Era o dia de S. Jozé, daquele velho, barbudo, calvo São Jozé, com a sua tunica vermelha caindo dos hombros, nas mãos o cajado de amendoeira milagrozamente abotoado em flores, e que, desde lonjinhos avós de cuja memoria já só ele restava, se mantinha como o santo predileto na devoção da familia.

Era o seu dia, segundo a consagração do calendario. E ao fundo do oratorio aberto, destacado, dominando de toda a majestade da sua estatura de dous palmos uma côrte de pequenas imajens secundarias, com um ramo fresco de lirios aos pés, o santo resplandecia no clarão da vela benta piedozamente aceza em sua honra.

Ali estava ele, iluminado e gloriozo, o bemaventurado carpinteiro de Belém, escolhido por Deus, como o mais puro entre todos os homens puros, para depozitario e guarda fiel da predestinada, fecunda virjindade de Nossa Senhora.

Segundo uma tradição remota e que vinha, de geração em geração, transmitida de pais a filhos, a velha e encardida imagem recebia pontualmente todos os anos, naquele dia que o calendario lhe destinava, uma singela homenagem de veneração, de confiança, e de amor, sob a fórma de um ramo de lírios que se desfaziam em perfume aos seus pés, e de uma vela benta que ardia e se derretia em sua frente...

Os trez pequenos, pilhando-se sózinhos, livres de qualquer intervenção adulta, tinham resolvidos entre si dar uma busca ao interior do oratorio aberto. Jorge, o mais velho, concebêra a idéa e diriuiu a acção. Era já um homenzinho de cinco anos, chefe natural e terrível do grupo. Fecundo em planos de travessuras, ouzado na ezeução, distribuindo com mão forte e pródiga despojos e taponas, Jorge era acatado e seguido.

Puxou vigorosamente para junto da meia comoda, em que assentava o oratorio, uma cadeira; ergueu para esta o Joãozinho, cujos trez annos eram ainda incapazes, sem apoio e sem auxilio, de altas cavalarias como essa.

— Agora você! disse com voz de comando, dirigindo-se á irmãzinha; e ajudou-a a subir. Em seguida, cumpridos os deveres de chefe, Jorge subiu por sua vez, colocando-se atraz dos outros dous.

E os trez, encantados, puzeram-se a examinar a um por um os sagrados moradores do oratorio.

Havia um São Pedro, com os olhos cheios do arrependimento de ter negado o Divino Mestre, fitando vagamente o teto. Tinha na mão a chave dourada com que abre ás almas dos eleitos as portas da bemaventurança; e, a seus pés, o galo tradicional, talhado toscamente, abria as azas desiguais, esticava o pescoço, um pescoço ezagerado de cegonha, e repouzava sobre a tunica azul do santo a sua crista quazi quadrada.

Fronteiro a S. Pedro, com o cordeirinho branco aos pés, a face rubicunda e moça, as pernas núas até o joelho, S. João apoiava a mão esquerda na longa curva do seu cajado de pastor, e estendia o braço direito num gesto majestozo de bençam ou de prédica.

S. Francisco, dentro do seu comprido habito negro, tinha um ar de suave humildade, com os olhos baixos, o rosto inclinado para o chão e emoldurado por umas enormes, incriveis barbas cor de chumbo.

Completava a coleção das pequenas imagens uma pequenina Senhora das Dores, doce figura de mãe angustiada, com o punhal symbolico cravado no coração até ao cabo, as mãos postas, os olhos aflitos e lacrimozos erguidos para o ceu.

A primeira couza que atraiu o olhar do mais pequeno — foi o cordeirinho de S. João :

— Um bicho! disse ele apontando com o dedinho esticado.

— Não é bicho, corrijiu Jorge, é carneiro.

— Ele morde ?

— Não, explicou o mais velho; só dá chifrada.

— Mas ele não tem chifres, interveiu Vivi.

Jorge não gostou da objecção que infringia o respeito devido á sua autoridade em assuntós relativos aos animais. E retrucou :

— Tola ! Ele dá chifrada com a cabeça.

— Eu tenho medo dele, disse Joãozinho.

— Não é carneiro de verdade, assegurou Jorge. Não se mexe. Quer ver ?

Agarrou pelo pescoço o cordeirinho de S. João, e puxou-o. A fragil massa partiu-

se; e ficou solta na mão de Jorge a cabeça do animalzinho degolado.

— E agora? perguntou Vivi assustada. Eu não disse?

Vivi, note-se, nada tinha dito áquele respeito.

Jorge, porém, era corajozo e rezoluto; meteu rapidamente no bolso a parte arrancada do cordeiro, dizendo:

— Não faz mal, eu escondo. Ninguem conte, hein?

Pouco preocupado com aquelle incidente, tão simples e tão vulgar, o despedaçamento de um objecto, Joãozinho olhava já atentamente para o galo posto aos pés de São Pedro.

— O que é aquillo? perguntou, desconhecendo a figura mal feita.

— E' uma galinha, explicou Jorge.

— Eu quero a galinha! declarou Joãozinho.

— Não, acudiu Vivi. Aquilo é do santo.

— Mas eu quero!

Jorge era generoso: arrancou e deu ao irmão o galo de S. Pedro, com as pernas partidas, e sem a crista, que ficara pregada á tunica azul do santo.

Vivi reparou na imajem da Senhora das Dores, por cuja face desbotada pela magua

corriam lagrimas de sangue; e, comovida, perguntou:

— Porque será que ela está chorando?
Jorge explicou prontamente:

— Você não vê que ela está com uma faca enterrada no peito?

— Coitada! murmurou Vivi. E' melhor tirar a faca.

Jorge tirou a faca.

— Quem seria o mau que deu a ~~acada~~ ~~acada~~? perguntou Vivi.

— Foi o barbudo! opinou Joãozinho apontando para São Francisco.

Devia ter sido mesmo: S. Francisco com a sua longa tunica negra, as suas enormes, incríveis barbas cor de chumbo, era a figura mais feia da coleção.

— Com certeza foi ele! concordou Vivi.

— Foi! decidiu Jorge. Pois vai de castigo.

E agarrando S. Francisco, meteu-o, prezo, no vão escuro entre o oratorio e a parede.

Chegara a vez de São Jozé, que jazia, no lugar de honra, ao fundo do oratorio.

Jorge, com uma erudição pitoresca, apanhada nas conversas em que a familia, de

quando em quando comentava o padroeiro, começou a instruir os irmãozinhos:

— Aquele é o marido de Nossa Senhora, é o pai do Menino Deus. Mas o Menino Deus não é filho dele, é filho do Espirito Santo, que é uma pombinha.

— E' uma pombinha que anda nas *folias*, em cima da bandeira, interrompeu Vivi.

— Eu já vi! disse com importancia e orgulho o Joãozinho.

— Chama-se São Jozé, continuou Jorge. Dantes era carpinteiro; agora é santo. Quando o Menino Deus nasceu, apareceu uma estrela. Os pastores todos foram rezar. Foram tambem trez reis. Um era preto...

— Um rei preto? estranhou Vivi.

— Preto, sim. Na terra dos negros o rei é preto. Mas é rei.

— E as princezas?

— As princezas, não; que bôba! As princezas são umas moças muito bonitas, com cabelo de ouro, e uma estrela na testa.

O outro rei mandou matar o Menino Deus.

— Porque? perguntou Vivi.

Jorge hezitou. Na realidade, ele estava pouco ao par das razões politicas de Herodes; mas não quiz dar parte de fraco, e, depois de refletir um momento, respondeu a Vivi:

— Ora, porque... Porque era um rei muito malvado.

— E mataram o Menino Deus?

— Não puderam, capaz! S. Jorge poz Nossa Senhora, com o Menino Deus no colo, em cima de um burrinho muito manso, um burrinho ensinado; e todos trez fugiram para outra terra.

Joãozinho, apertando na mão o galo arrancado a São Pedro, dobrara sobre a comoda o braço, encostara a este a cabecinha loura, e coxilava, no aborrecimento daquela espozição de Historia Sagrada que Jorge ia cozendo de farrapos. Mas á aluzão de um burrinho muito manso, um burrinho ensinado, espertou e teve um aparte:

— O santo está sujo.

Efetivamente. O tempo e a fumaça da vela benta, acendida sempre, durante anos e anos, no dia consagrado a São Jozé, haviam encardido a imajem, desbotando-lhe as côres, envolvendo-a como numa poeira baça e gorduroza.

— E' mesmo, disse Vivi reparando. Está muito sujo.. Coitado, é preciso limpar ele.

Jorge decidiu-se logo a limpar o santo. Fez decer da cadeira os irmãos. Afastou as pequenas imajens, e o ramo de lirios. Agarrou com a mão esquerda a peanha, e com

a direita o pescoço de São Jozé. E, num gesto decidido e forte, tirou-o do oratório.

Daí a instante, São Jozé estava no chão, sozinho, no meio do quarto, anulado e pequenino. Jorge trouxe uma bacia de rosto, larga e funda; e, enquanto vazava nela a água do jarro, ordenou a Vivi que troucesse o sabão.

Sentaram-se os trez. Joãozinho quiz logo meter na bacia o galo. Mas Jorge suspendeu-lhe o braço, asseverando que não se põem as galinhas nagua, porque se afógam. E, segurando com todo o cuidado o barbudo, calvo, veneravel São Jozé, deu-lhe um mergulho.

— Agora, você! disse ele, dirigindo-se a Vivi. Mulher é que lava.

Vivi não se fez rogar. E, carinhosamente, poz-se a ensaboar o santo.

Daí a momentos, na confusão das tintas que se desmanchavam, São Jozé tinha a barba azulada, o rosto coberto de manchas, a sua calva, aquela austera calva tão liza e tão lustroza, aparecia salpicada de rubores que lembravam uma empinjem.

Jorge reparou nisso; e ordenou a Vivi que lavasse melhor, com mais força. Vivi

esfregou com energia. A massa molhada começou a esfarelar-se.

— E agora? perguntou Vivi assustada.

Jorge não respondeu. Tinha ouvido passos na escada. Era a mãe, que subia, a ver de certo que é que faziam os trez traquinas, tão socegados havia tanto tempo. Jorge, muito ligeiro, nas pontas dos pés, escapou-se. Vivi seguiu-o logo, enxugando no vestidinho branco as mãos molhadas das tintas diluidas da imagem de São Jozé.

Joãozinho, então, sem reparar em nada de todos esses incidentes, percebendo apenas que ficára unico senhor do campo, apoderou-se do santo, e poz-se, muito entretido, a lambuzal-o de sabão.

Encontrou-o a mãe nessa tarefa, a que se entregava conscienciosamente; e avançou para ele no momento preciso em que Joãozinho acabava de esfarelar com todo o cuidado uma orelha de São Jozé.

— Maroto! exclamou ela.

E ia fazer cair sobre Joãozinho o castigo merecido pelo horrendo crime, cujos vestígios e destroços via no soalho e no oratório devastado, quando lhe acudiu a reflexão de que tudo aquilo não podia ser obra só do pequerrucho, de que houvera forçosamente

no cazo intervenção de mãos mais habeis, de braço mais forte, de figura mais taludinha...

— Foi aquele pestinha! murmurou indignada, pensando em Jorge.

Arrancou das mãos de Joãozinho aturdido a imajem escalavrada de São Jozé; beijou-lhe os pés com palavras compunjidas em que pedia perdão pelo sacrilejio dos filhos; e repoz o santo no seu oratorio forrado de azul com estrelinhas de ouro, cercou-o da sua côrte de pequenas imajens, todas mais ou menos mutiladas, só faltando São Francisco, que continuava oculto, de castigo, no vão escuro.

Cumpridos esses atos de piedade, voltou-se para Joãozinho, que apanhára do soa-lho o galo de São Pedro, e conscrvava-o na mão :

— Você fez uma couza muito feia, e vai apanhar, ou vai para o quarto escuro.

Joãozinho, aterrado, só respondeu:

— Não, mamãi!. Não, mamãi!.

Ela, porém, muito enerjica :

— Escolha: ou apanha, ou vai para o quarto escuro !

Joãozinho fitou-a. Percebeu no rosto severo da mãe — que não escapava mesmo. Ora ele nunca tinha apanhado — e conhecia já o quarto escuro. Escolheu, choramingando :

— O quarto escuro, não...

— Vá então buscar o chinelo, para apanhar.

Joãozinho foi, vagaroso, de cabeça baixa, como um criminoso que era. Quando voltou, trazia sempre, na mão esquerda, o galo de São Pedro; e empunhava na direita um pé dos chinelinhos... de Vivi.

— Com este, sim? implorou.

E ia entregar o quazi inofensivo instrumento do suplicio — quando se arrependeu, retraiu o braço, susteve-se... E com o rosto aflito, os olhos suplicantes, numa vózinha entrecortada, de susto e de choro :

— Eu mesmo me dou, sim, Mamãe? Eu me dou com força. Eu prometo que me dou com toda a força !

- Bom dia, comendador.
- Bons olhos o vejam, Guedes.
- Vai um chop?
- Vamos a isso.

E entraram na Flora Americana.

O comendador tinha a gordura proverbial que dá valor específico aos suínos de raça inglesa; Guedes era magro, daquela magreza ideal que Gustavo Doré exagerou em D. Quixote. Um era baixo, atarracado; o outro esguiu, espigado. No comendador, o colete estalava, estalavam as calças: em Guedes, a sobrecazaca nadava sobre umas costelas deenhadas em relevo, e as calças bambeavam amorfanhadamente por umas pernas quazi sem fim. Os olhos de um bom observador perceberiam, entretanto, todo o esforço da arte, rasgos geniais de alfaiataria impotente, no costume claro do comendador, e no costume escuro de Guedes. Tudo quanto de apuro póde dar uma boa thezoura — estava ali: mas tudo era pouco, era nada,

para as banhas abundantes, e para a espichadíssima ossada de um e de outro.

Os dois eram amigos: consolavam-se, olhando-se. Eram solidários no sentimento da elegancia revoltada contra a natureza, que os colocara em dois extremos, nos quais se tocavam.

Veiu o chop.

—Pois é assim, comendador. Ninguém imagina como admiro e invejo essas carnes. Com dois por cento disso, era eu perfeito. A natureza, infelizmente, ignora a conta de repartir, e comete iniquidades revoltantes... Aqui estou eu, que emprego todos os meios conhecidos para diminuir esta magreza deprimente, que é o meu desgosto, a minha humilhação. Todo o trabalho é perdido, todo o esforço é inútil. E você, comendador, muito socegradamente, sem esforço, sem fazer nada para merecel-o, engorda magestozamente. E' revoltante.

— Não blasfeme, Guedes, não blasfeme. Eu dava alguma couza para ver substituída pela sua magreza esta obesidade que me persegue. Tenho tentado tudo quanto dizem que é capaz de derreter as banhas. Suporto jejuns nos quaes o meu apetite sempre agudo toma proporções de fome canina. Faço ginastica numa barra-fixa, arriscado a dar a cada momento com o costado em ter-

ra. Dou passeios que são escursões heroicas a pé e a cavalo. Passo noites em claro, eu que tenho o mais exigente dos sonos. E, ao fim de contas, saio de cada experiencia com fome, alagado em suor, com dores de cabeça — e mais um quilo de toucinho. E' de desesperar.

— Mas você queixa-se de fartura: eu, de miseria. A sua gordura é respeitavel; a minha magreza é ridicula.

— Respeitavel, a gordura! E' exatamente o que ela tem de dezolador. Ser respeitavel aos trinta e quatro anos, na minha posição, com o amor da elegancia, a paixão de agradar, o coração sensível! A magreza, Guedes, é uma condição da elegancia.

— Deixe-se disso. A sua gordura rubicunda respira um ar de saude que consola. A minha magreza de tizico é feia, confesse: faz-me dezajeitado, dá-me um ar fosforico, insignificante. Bastava que eu tivesse um pouco da gordura que lhe sobra...

— Si eu pudesse dar-lha, Guedes!.. Mas você é leve. Eu pézo, Guedes. Na valsa, que é a minha paixão, o meu enlevo, devo parecer uma bola de borracha furada, em pulos malogrados. Isto mata-me. O que seria eu na valsa, que triunfos não me estariam reservados nos salões, si tivesse um

pouco menos de banha. Trez arrobas apenas de differença bastavam!

— Como você fala em trez arrobas, comendador! Que pouco caso de milionario, para quem parece migalha isso que seria para mim a fortuna. E queixa-se.

— Quando eu me sento numa cadeira, e ela ranje, a dona da casa assusta-se com um terror subito pela integridade da sua mobilia. E' dezanimador.

— E eu, comendador? Quando vou tomar um bonde, todos disputam a minha vizinhança no banco: "Aqui tem logar. Venha para cá. Aqui está melhor. Sem cerimonia". São como facadas que me dessem. O que os seduz é a minha eziguidade. E' guazi ser ninguem. Decididamente é humilhante, no bonde como no mundo, ocupar um logar estreito!

— A gordura é uma abjeção.

— A magreza é uma ignominia.

— A natureza é absurda.

— Absurdissima.

— Iniqua.

— Absolutamente iniqua.

— Não respeita o meio termo.

— E no meio termo, afinal, é que está a virtude.

— Qualquer de nós, com pouca differença do que é, seria perfeito.

— A magreza, Guedes, é um bem. Mas, com franqueza, você ecede-se.

— Também a gordura é invejavel, em termos. Você é obezo.

— Você, Guedes, é um espeto.

— Você, comendador, parece um colchão enrolado.

— Isso traz uma pontinha de inveja, meu amigo. Não é gordo quem quer, mas quem póde.

— Ora a prezunção! Você, si pudesse, era tão magro como eu.

— Nuncal A sua magreza, Guedes, é irrizoria. Você sabe disso.

— Contam-se a respeito da sua gordura couzas engraçadas, comendador; dizem que um dia caiu de costas, e foi-lhe preciso, para levantar-se, o auxilio de um guindaste.

— Pois a sua magreza tem inspirado ditos capazes de encher um almanaque. Um inimigo rancorozo dizia de você — que vale quanto peza.

— O seu pezo em moedas de cobre, comendador, dava uma grande fortuna.

— Chamam-lhe Guedes Minhóca.

— Os mesmos que o conhecem por Lord Boião.

— Uma senhora, caluniada de disposta a aceitar a sua mão, defendeu-se dizendo com desprezo: “Roer esse ossol”

—E aquela que lhe sendo apresentado, a você, e pedindo-lhe uma valsa, perguntou si a caza era bem solida?

— Guedes, a sua magreza é celebre.

— Ora, comendador, o seu toucinho tem mais fama que o de Minas. Ha matematicos que se dedicaram a calcular quantos jacás daria você salgado. E o que mais espanto cauza é que a sua gordura crece. Você, no fim de contas, é considerado como um mancebo esperançozo, com um grande futuro de banhas incalculaveis.

— Guedes, isto deixa de ser uma brincadeira para ser uma calunia. Posso afiançar-lhe que, ultimamente, estou em tendencia para diminuir no pezo.

— Já baixou a duzentos quilos?

— Nunca passei de 144 quilos e 59 grammas.

— Naturalmente em jejum, e nú, na ocasião em que naceu?

— Você é que emagrece, Guedes. E' extraordinario como ainda tem por onde.

— Eu? Mas isso é ilusão sua, comendador. Tenho até, nos ultimos seis mezes, feito uma diferença para mais em carnes...

— Com franqueza, não parece.

— Mas é verdade. O meu pezo aumentou sensivelmente.

— Duas grammas?

— Upa! muito mais!

— Então o seu pezo decerto dobrou. Mas vá ver que foi de você ter chumbado algum dente.

— Não; é que estou engordando.

— Está de certo ganhando o pezo da idade. Já não é sem tempo.

— Quem fala em idade, um velhote.

— Tenho trinta e quatro anos, Guedes.

— Comendador, quando fez cinquenta anos que você se desmamou?

— O senhor ecede-se. Ha brincadeiras que não consinto. Sou bastante respeitavel para ezigir que me respeitem.

— Acho respeitabilissimo como largura, comendador. Respeito-o como fenomeno. Mas o seu dandismo é ridiculo. As suas pretenções a moço bonito são lastimaveis.

— Senhor, seja ridiculo por sua conta. Pinte os cabellos para esconder o seu meio seculo, encha-se de algodão para disfarçar o seu esqueleto; faça tudo á vontade. Mas seja ridiculo sózinho: não me atribúa defeitos que não tenho, e nos quais não o imito.

— Atribuir-lhe o vicio de pintar os cabellos, quando sei que os compra da côr que mais lhe agrada? Supôr que se encha de algodão, quando sei o mundo de banha que o seu espartilho não consegue disfarçar? Sou

incapaz disso, comendador. Eu sou razoavel: acho-o apenas obezo, e pretenciozo.

— E eu considero-o malcreado e grotesco. Adeus.

— Olhe, eu si fosse como o comendador, enforcava-me.

— Não lhe resta esse recurso. Falta-lhe pezo para esticar a corda.

O comendador encaminhou-se para a porta, furiozo, vermelho, bufando, pizando forte, fazendo tilintar os cópos no estremeamento cauzado pelo seu pezo de hipopótamo.

O Guedes chamou-o:

— Comendador, faz-me obsequio?

E, alcançando-o, com uma gravidade ironica, vingativa:

— Dê graças a Deus, senhor comendador.

— De que?

— De não poder ver-se por detraz.

EM RODA DO FOGO

Mal abaixava o sol para detraz dos morros, fazia-se fogo, um fogo agradável, quasi delizioso na frescura da tarde de Junho, sobre o chão de areia limpa, debaixo de uma alta nogueira que ramalhava, entre a cabana e a praia. Agrupavamo-nos em torno dele. Havia só dous bancos; mas os tócos de pau abundavam. O general e eu, como hospedes, tomavamos conta dos bancos, por um habito a que nos forçara a sinjela cortezia dos pescadores; e estes, velhos e moços, todos descalços, em calças de algodão e camizas de baeta, sob os chapéus de palha amarrotados do uzo e dos aguaceiros, espalhavam-se ao acazo dos tócos.

Viamos dali, por uma aberta que o boqueirão rasgava no jundú, o mar estendendo na praia a alvura das ondas, preguiçosas da calmaria, ou tumultuando desgrehnadas, em arrepelos e investidas, tocadas na viração do largo. Para traz delas, a vasta superficie azul em que o oceano se desdo-

bra vagamente para o horizonte, e onde apenas se destacava, ao longe, esguio e solitário, o perfil dos Alcatrazes. Algum sabiá, pouzado num ramo de aroeira em flor, cantava a melancolia da tarde. E o marulho surdo, e esse gorjeio aveludado e triste, associavam-se ao silencio de emtorno, fundiam-se quazi nele.

Pouco a pouco, a tarde esmorecia. A sombra da noute caía lentamente, desmaian-do, sumindo, apagando o horizonte lonjinho, o estenso mar. O fogo, já rubro então no escuro, desfraldando labaredas irrequiétas, estalando os gravetos retorcidos, espirrando alegremente fagulhas, izolava-nos, numa insulação doce de claridade, da larga sombra espriada fóra.

Dezatavam-se as linguas. Dezenrolavam-se historias de pescarias de fóra, nas afastadas ilhas do mar largo, moradia solitaria dos grandes meros, dos peixes formidaveis, cujo nome se não sabé, e que ninguém viu nunca. Naufragios de canôas despedaçadas nos costões bravios; borrascas dezencadeadas de surpresa no mar alto, onde cada solavanco de onda faz sumir-se a terra e vacilar a esperança; a traição, a perfidia dos peraus; a agonia sem par dos afogados, prolongada numa rezistencia de desespero que a agua só pouco a pouco vence

e estrangula: toda a vida aventureza do mar ali repassava, ao vivo de reminiscencias gravadas fundo pelo terror, entrelaçadas de lendas injenuas, contadas na rude linguaem pitoresca das gentes praianas.

— Faz um rôr de tempo, contava-nos de uma feita o Antonio Cuba — caboclo que aguentava ainda rijo e dezempenado os seus setenta anos de anfibio, divididos a meio entre a terra e o mar — faz um rôr de tempo que o cazo aconteceu... Eu tinha assim o tamanho daquelezinho — e apontava para um pequeno de doze anos que nesse momento aticava o fogo. Meu tio Jozé, cada ano, pela quaresma, ia á pescaria das ilhas de fóra, quando o tempo dava quadra; Lage, Alcatrazes, Queimadas, tudo aquilo era quintal dele. Eu ainda nunca tinha ido mais longe do que as poitadas do Poço; um dia pedi para ir numa viagem da Queimada Grande, em que haia tenção de aproveitar a lua cheia para a arpoação das caranhas. — “Póde ir”, disse tio Jozé. Tambem eu nesse tempo já sabia bater o remo e brigar com um peixe.

“Desde domingo tudo estava preparado, os linhotes desbolinados, os anzóes empata-dos, os arpões com cabo novo e ponta afia-da, a véla bem serzida, o farnel pronto. Esperava-se a toda hora monção para sair. A lua cheia era d’aí a quatro dias. Mas o tem-

po não dava. Vento tirando a sul, mar malcreado, ceu carrancudo de tormenta lá por fóra. Passou segunda-feira, passou terça, passou quarta, e a monção não vinha.

—“Eu, como criança, andava só espiando o tempo, no desejo de que ele asserenasse, zangado daquela embirração que estava querendo fazer a gente perder a arpoação das caranhas, e a viagem. Na quinta-feira era a lua. Na enchente da maré, logo de manhãzinha, o vento rondou p’ra leste, o ceu clareou; o mar caiu, e quando foi de tarde já mal a espumarada branquejava de quando em quando ali no pontal do Suruguava.

“Ficou assentado que havia de sair na vazante, ás nove horas, com o terralão da noite. A companhia era de quatro: tio Jozé, eu, Bastião meu primo, e pai Felipe. Bastião era rapaz moço, de poucos anos, mas já matriculado em assumptos de mar. Pai Felipe era negro cañhembora, fujido de Ubatuba, e que vivia antigo ali no Pecê. Era tido como feiticeiro, no parecer de muitos. Ninguém sabia de agouros como ele, e de curar com folhas e raizes apanhadas na lua propria. De tempos em tempos tinha assim uma afrontação, que ficava meio variado, e não conhecia ninguém. Ai, resmungava, e diziam que eram esconjuros com que ele enxotava do corpo o coisa ruim, não sei si se-

riam... Tio Jozé, homem dezabusado, gostava do negro, traquejado em tudo que diz pescaria; e sempre que saía para o mar levava pai Felipe de camarada.

“Logo na boca da noite fomos levando pr’a o Pecê a matalotagem toda. Botou-se a canôa nos rolos, deceu, ficou com a proa metida na resaca. No fim da arrumação dos preparos, já estava cada couza arranjada no seu lugar, o garrafão de pinga, que era só o que faltava, escorregou das mãos de tio Jozé, bateu na borda da canôa, traz! partiu-se. “Filho das unhas! Custou tres mil réis p’ra ser bebido pela areia! E’ preciso ir buscar outro” Tio Jozé falou assim.

“Bastião botou o facão de mato na cinta, não disse nada, seguiu atraz de outro garrafão de pinga. O atrazo era grande. Nesse tempo só havia venda do outro lado, no mar pequeno. Até chegar aqui, daqui entrar no caminho, pegar o morro, sair no Buracão, e daí remar até á venda, no Caruara, era um estirão. Tio Jozé, na claridade do luar que estava como dia, ficou lidando com os aparelhos, limando um anzol, apertando uma alça. O negro estendeu-se na areia, pegou no sono. Eu, sentado na borda da canôa, fiquei considerando, vendo o mar que arrebetava na Praia Grande, e que lá mais ao lonje, pa-

ra o fundo da baía, franjava como uma fitinha branca o jundú alto do Perequê.

“Passou tempo. Quando Bastião voltou, foi preciso acordar o negro. Ele levantou, espreguiçou-se, olhou para a lua que já ia em mais de meio ceu, e resmungou: “Eh, já vae querendo ir p’ra madrugada. Sesta-feira, dia ruim de sair”. Botou-se a canôa nagua, os remos bateram. Quando se vençia a arrebentação, um uivo de cachorro, tão comprido, tão triste, soou no canto da praia, para a banda das cazas.

“O negro suspendeu o remo, abanou a cabeça. — “Sesta-feira, cachorro uivando, má viagem, *seu* Jozé. E’ mais acertado deixar p’ra amanhã”.

“— Já estás com teus agouros, feiticeiro de má morte?” retrucou tio Jozé. “Ha-de se perder outra noite de lua cheia por cauza de algum sarnento? O cachorro uivou porque é parente das caranhas que vamos arpoar. Tóca!”

“Fomos indo. No largo, o terralão estava fresco, soltou-se a vela. O mar estava que mal bolia. Eu encostei-me. E quando iamose emparelhando com o farol da Moela, adormeci, ouvindo, no fechar os olhos, o negro, dianho de negro agourento, que dizia: “Estou cheirando tempo, o sudoeste não tarda...”

“Dormi um sono estirado. De repente, acordei com um sacudidela de Bastião, que me mandava pegar no remo. Era dia velho. Tempo feio, sem sol, com um ceu cor de chumbo, e uma pretura grande para a banda do sul. Tinham arreado a véla, a canôa ia a remo. Vi adiante de nós uma pedraria estensa esparramada quazi no lume dagua. Perguntei si era a Queimada. Bastião respondeu que estavamos arribando na Lage, emquanto era tempo e o mar não crecia muito

“Já se divulgavam as ondas arebentando nalgum pontal da ilha; mas ainda ficava numa distancia. “Tóca, rapaziada!” — dizia tio Jozé — “é preciso aproveitar emquanto o mar dá jazigo de chegar na pedra!” Todos puxavam com corajem, de pé, dobrados para a frente, afundando o remo, sacudindo para traz, de cada remada, um rebojo forte.

“Sopravam rajadas que descabelavam as maretas, fazendo espirrar na gente os borrifos. A canôa dava trancos, mas corria, trepando, decendo, corcoveando. “Sesta-feira, o cachorro uivou, viagem perdida. ” resmungava o negro de quando em vez. “Tóca”, dizia tio Jozé, “ele vem que vem bufando...” As rajadas apertavam, cada vez mais a miudo, o temporal vinha perto, logo atraz de nós; mas a canôa ia numa corrida que co-

mia mar. Dobrou-se uma ponta brava, de mar batido, cortou-se uma enseada de calháus grandes, e caiu-se na frente do porto.

“Umã onda trepou na itapeva, meia altura, e rodou p’ra baixo; quando veio outra, a canôa embicou, subiu, o negro saltou, aguentou a prôa, nós atraz. “— Arre, diabo!” — disse tio Jozé — “Estamos em terra, passou-se a perna na tormenta”.

“Mas de repente, quando mal se ia pondo a mão nos bancos para alar a canôa itapeva arriba, o vento levantou fóra um poder de maretas que branquearam tudo, e soprou rijo, de tufão. Um mar grande, muito grande, rebentou no Pontal, e veio pelo costão estrondando, bufando, crescendo. — “Puxa” — gritou tio Jozé. Puxou-se com força, na ancia de fugir. Mas o mar grande chegou em baixo no sopé da itapeva, encontrou o ressacão que decia, enrolou-se nele, retorceu-se como uma cobra de grandura que não ha, rebentou num estouro, investiu contra a pedra, e trepou...

“Não vi mais nada. A onda me suspendeu, e rodei com ela para baixo, atordoado, engolindo agua. Quando ela voltou, eu também voltei; agarrei-me com as mãos, com os joelhos, com os pés, na pedra escorregadia; mas quando o ressacão deceu, lá rodei.

Veuu um outro mar, trepei outra vez, rolando, arrastado, aos trancos, vendo só assim uma amarelidão, e nada mais. Botei a mão numa couza sem saber o que era; botei a outra, aguentei, com toda a força. Quando a onda deceu, eu fiquei agarrado no rebordo de uma racha de pedra ao comprido do costão. Corri para cima, para o enxuto, e olhei:

“Embaixo, rolando no vagalhão, tio Jozé forcejava por se suster, com a cabeça ensanguentada fóra dagua, os olhos esbugalhados, soprando... O mar arrebentou, e veiu, suspendeu-o: ele chegou quazi perto de mim um pedaço, segurou-se na pedra; o mar foi descaindo, e ele sempre agarrado. De repente, começou a escorregar, a escorregar... Rangia os dentes. Por onde as mãos e os joelhos passavam nas cracas da pedra molhada, ficava um risco de sangue... Caiu na-gua.

“Outra onda subiu. Ele vinha embolado, com os olhos cada vez mais esbugalhados, e gritava quando a cabeça surgia e a agua não lhe tapava a boca. E rolou, e foi no rebojo, gritando sempre, batendo, esfregado de pedra em pedra, e não apareceu mais...”

Neste ponto, Antonio Cuba interrompe a narração para propôr um *golpe de pinga*. A garrafa correu de mão em mão, copo de boca em boca. O narrador estalou a lingua,

enxugou com a manga da camisa os beijos, acendeu de vagar o pito num tição, e continuou:

— “Bastião e o negro não vi. Imaginei que teriam batido com a cabeça em algum burgau, e ficaram logo da primeira. Sózinho, naquele rochedo perdido no meio do mar, sem abrigo, sem esperança de socorro, me parecia que o mundo acabava ali para mim. Botei-me de bruço na pedra, e chorei, chorei... Depois, de tão cansado, adormeci.

“Quando acordei, era noite fechada, noite preta de borrasca, que não se via nada. O vento zunia, roçando na pedraria, enfiando pelas grutas. O mar, escondido na sombra, estrondava de um lado e de outro, com um rumor de trovoadas. Cada onda que trepava na itapeva, fosforeando e coaxando, parecia mesmo que vinha até em cima, onde eu estava. Com o coração pulando, eu não podia tirar os olhos dali. De uma feita, quiz fechá-los, e voltar a cabeça, para não ver nada. Mas foi pior, e vi mais assim: vi tio Jozé enrolado num vagalhão de mar, grande como um morro e que vinha sobre a ilha, e queria se agarrar em mim. . Então abri bem os olhos, e fiquei fitando a noite escura.

“Certa hora, escutei no vento um uivo, comprido, lamentozo, o uivo do cachorro que tinha gemido na praia, para a banda das ca-

zas, quando largavamos do Pecê. E uma voz como de alma do outro mundo, como saída do mar, falava em baixo, no escuro. Apurei o ouvido. Era a voz de pai Felipe, que resmungava aquele seu dito: — “Sesta-feira, o cachorro uivou, eh. ” E dava uma rizada, feia como um uivo.

“Tive um arrepio em todo o corpo, senti no coração um pezo que nem me deixava respirar. Agarrei-me á Nossa Senhora, pedindo só que amanhecesse. Tremendo todo, com os joelhos na pedra, com os olhos escancarados para a sombra, com os cabelos em pé, passei o resto da noute, noute comprida que não tinha fim, escutando de pedaço em pedaço aquela voz da alma penada do feiticeiro, que resmungava e dava uivos...”

O narrador benzeu-se. Depois de uma pausa, em que espertou a fogueira, fazendo-a crepitar mais viva, tornou:

“Logo no amanhecer, quando mal principiou a clarear, fiquei oútro. Levantei-me consolado com a claridade, como quem sai do fundo de um poço muito fundo. Olhei em roda. Divulguei pai Felipe de um lado, meio escondido por uma aba de pedra, sentado, muito quiéto, abanando a cabeça de quando em quando. Estava vivo, o negro. Fui para ele, chamei. Ele nem me olhou: olhava á toa para o largo, com um olhar pa-

rado, de defunto. O negro estava variado, naquele estupor que de tempos em tempos dava nele.

“Passei o dia todo na grimpa de um calhau, olhando, na esperança de ver alvejar alguma véla pelo mar sem fim, tão grande, tão grande, que não acabava mais... Varado de fome, vendo tudo tão solitário naquela extensão tamanha, desesperava às vezes: punha a cabeça entre os joelhos, e chorava, chorava, sem coragem, só com vontade de fechar de uma vez os olhos, e morrer...

“Veiu a noute, com aquela tristeza da lua cheia no mar largo. Não sei si dormi, si sonhei acordado. De manhã, o mar, muito caído, mal espalhava no costão uma onda preguiçosa, sem espuma; mergulhões, assanhados com o sol, vojavam alvejando, ora rentes com o mar, ora subindo e pairando no azul do ceu limpo. Algum, mais afastado, me enganava de quando em quando, parecendo, no brilho do sol, uma véla branca de canôa que apontava ao longe.

“De uma feita a parecença era maior. Fiquei suspenso, de pé em cima da pedra, com o coração todo nos olhos. O vulto branco que eu divulgava ao lonje creceu, era uma véla. Aos bocadinhos, de vagar, uma canôa foi surgindo, subindo fóra dagua,

e apareceu, velejando com a prôa em rumo da ilha.

“Senti como um amanhecer dentro de mim, uma vontade de dar rizada, de pular, de falar muito. Pulei, bati as mãos, falei sozinho, xinguei o mar, cuspi nele... A canôa vinha avançando, tocada da viração fresca. Corri para o lado em que pai Felipe estava, sempre sentado na pedra. Na alegria, passou-me que o negro estava sem conhecimento.

“Quando eu ia chegando junto dele, vi em baixo, uma distancia fóra do costão, boiando quieto no balanço da onda, um cambéva, grande como um pau de canôa. Era um cação que era um bicho.

“Bati no hombro do negro. — “Pai Felipe, aí vem uma canôa, vamos embora!” O negro ergueu de pé a sua figura corpulenta, olhando fito, com o olhar parado, para o mar, onde a canôa, cada vez mais perto, avançava sempre toda pensa ao pezo da vela cheia. Agarrou-me no pulso, com força: rindo, com um modo esquizito que metia medo, respondeu: — “Vamos embora, vamos embora...” E de vagar, como sem sentir, foi decendo, arrastando-me, pela itapeva abaixo.

“Eu afirmava os pés na pedra, dava trancos, pedia que me largasse, afogado em cho-

ro. Era á toa. Ele ia decendo comigo, e resmungava: — “Vamos embora, vamos embora...” Chegámos á beira do mar, vi o fundão, muito fundo, sob a agua clara. Brigando com o negro, agarrando nas pernas dele, gritei com força, com desespero, um grito de afogado, aflito, demorado, que se ouvia lonje. Na canôa ouviram, botaram os remos nagua, tocaram; já vinham dobrando o Pontal. — “Vamos embora, vamos embora!...” repetiu pai Felipe, dando um arranco. Caimos no mar.

“Afundámos e surjimos, eu agarrado pelo pulso, ele nadando com o braço esquerdo. Ouvi um rebojo forte; era o cambeva que tinha acordado com o rumor do nosso baque nagua. Voltou-se vagarozo, viu-nos, e rompeu como um raio em cima de nós, com a guela escancarada, onde os dentes retorcidos, muitos, reluziam... Fechei os olhos, senti a morte.

“Na mesma hora um tranco me abalou; a mão do negro afrouxou e me largou. Ouvi a sua voz socegada dizendo: — “Vamos embora, vamos emb..” — e acabando de repente num borbório, naquelle *glu glu* de quem se afoga. Olhei: na agua clara, voltado para cima, com um ar assarapantado de quem acordou, uma aflicção pintada no

rosto, esperneando e batendo os braços, o negro ia decendo para o fundo, decendo para o fundo, de vagar, atravessado na boca do cação...

O fogo amortecêra, já ninguém o esperava; o seu reflexo avermelhado, bruxoleando, dansava sinistramente na folhagem ocilante das arvores. E vibrava melancolicamente no silencio e na sombra o marulho das ondas batendo ao lonje, para o fim da praia, o costão bravio do Suruguava.

S E L V A J E M

Chegando ao porto do Buracão, no canal da Bertioga, a canôa parou, encostada ao barranco. Serafim ergueu o amolaxado baú de folha, pol-o em terra. Em pé na borda, com a mão esquerda apoiada no chão, a direita agarrada a uma touça de capim, balanceou o corpo, firmou o pulso, saltou.

— Adeus, todos! disse, dirigindo-se ao patrão e aos remeiros.

— Até um dia, sarjento, responderam.

A embarcação largou, os pezados remos de voga bateram nagua. Ficando só, na solidão daquela furna apertada entre morros e apenas aberta para o canal, Serafim relanceou em torno um olhar pensativo. O terreno decia, ondulando levemente, até achatarse de todo em estreito brejo, que uma gamboa cortava. Num velho rancho, cujo teto de palha se apoiava sobre estacas empoladas de craca e fincadas na lama da gamboa, trez ou quatro canôas descansavam em seco sobre estivas de jissara. Destacando-se da con-

fuza vegetação baixa, quazi anónima, uma grande figueira, enraizada na barranca, dependurava dos galhos estendidos sobre o canal ninhos de guaxes; um jarová, muito esguio, deixava pender do alto, com um ar de dezanimo, a sua folhagem desbotada e frouxa, de coqueiro desterrado no brejo; adiante, uma copada fronde de ipê, meio dourado das primeiras flores, rumorejava de um bando de gralhas assustadas que revoavam e gritavam com voz irritada...

Serafim reconheceu os morros, o pequeno varzedo ondulante, a gamboa lamacenta, o velho rancho, as velhas canôas, a grande figueira, o jarová solitario, o ipê dourado... Ali estava, ao sopé de um morrote, a entrada do caminho da praia, rasgada no mato, entre moutas de taquarussú, numa pequena subida de areia solta...

Com um gesto lento, prezo á contemplação comovida das couzas, outrora familiares, e que agora revia depois de tanto tempo, Serafim ergueu o baú para o hombro. Deu alguns passos vagos, de distraído. E, desprendido afinal, galgou a pequena subida, enveredou rezolutamente pelo caminho. Havia cinco anos que se fôra. O trilho que seguia ia-lhe despertando, em todas as minucias, a lembrança do funesto dia em ali

passára pela ultima vez, aterrado recruta, aljemado, entre quatro soldados.

Recompunha mentalmente aquele trecho, rapido e violento como um tufão, do seu passado: pela madrugada antes de clarear o dia, haviam batido á porta do velho Antonio do Monte, seu padrinho, com quem Serafim ficára vivendo desde que, aos nove anos, uma epidemia de bexigas lhe levára os pais. Antonio do Monte tinha saído, á noute, para o mar; Serafim estava sózinho em caza. Acordára, abrira a porta, imaginando que seria o pescador, já de volta. E ao surjir entre os batentes, espreguiçando-se, tonto de sono, quatro soldados haviam-n'o brutalmente agarrado, subjugado, aljemado.

Pensando agora no seu assombrado terror de então, terror de ser soldado, terror da farda, do quartel, da guerra, Serafim teve um assomo de veterano; alçando a cabeça, cofiando o bigode, murmurou entre dentes:

— Couzas de paizano.

Feito, porém, esse comentario todo atual, restituiu-se á simples recordação daquele momento, cheio de emoções e já lonjinho, de sua vida. Os soldados — trez praças e um cabo — não lhe haviam dado tempo de nada. Empurraram-n'o para diante, diri-

jindo-lhe graçolas, que ele, cabisbaixo e atordado, mal ouvia. Não podéra despedir-se de ninguém, a não ser de dois ou trez madrugadores que abriam as portas enquanto ele passava, e que, espantados e pezarosos, atiravam-lhe palavras de corajem com voz comovida e gestos de dezalento.

Fôra assim, esmagado e tonto, por todo o pedaço de varzea semeada de cazas. Ao chegarem, ele a a escolta, ao alto do morro, vinha amanhecendo. Do mar largo subia pelo céu aquele desdobramento de ouro que vem logo adiante do sol. Na claridade em que o lusco-fusco se adelgaçava, tudo parecia como através de uma gaze côr de roza.

Pararam um momento, e voltaram-se: os soldados, para apreciarem o largo, formozissimo panorama desenrolado em baixo; elle, para olhar pela derradeira vez a praia onde nacera e onde vivera até então, as couzas queridas que não contava ver nunca mais.

Lá embaixo, a noticia de sua prizão correrá já, sem duvida, de caza em caza. Apinhavam-se nas portas os moradores. Ele perceberá-o confuzamente, no relance em que seus olhos vagaram na procura da caziinha branca, entre pitangueiras, para o canto da praia, onde morava a sua noiva. Distinguira Thereza, entre os pais e os irmão-

zinhos. A moça, num gesto desconsolado, dizia-lhe adeus, acenando com um lenço. Numa alucinação que suprimia a distancia, pareceu a Serafim ver, nas faces morenas de sua noiva, dois claros fios de lagrimas...

Viera-lhe então um arranco de não seguir, de fincar os pés no chão, brigar com os soldados, acabar com a vida ali mesmo. Mas de repente, o cabo, farto do panorama, empurrára-o, dizendo com voz aspera e firme:

— Siga, camarada. Aquilo acabou. Agora, é meia volta á direita, marche para o Paraguai. E ande lizo, si não quer entrar em muita lambada.

A frase dura do cabo — *Aquilo acabou!* — ecoára-lhe dolorosamente no coração. De chofre, ele sentira a verdade terrível daquelas palavras. Tudo estava acabado. Thereza lá ficára, perdida para sempre, para sempre... Uma repentina, escura certeza de não voltar nunca mais, esvaziara-lhe em sombra a vida, como numa noite que não devesse ter fim.. A angustia enchera-lhe o peito, asfixiando-o quazi: e subira, explodira-lhe á garganta, num soluço, um só soluço, sufocado, supremo.

Arrancando a custo os olhos do vulto de Thereza, que acenava sempre, ao lonje, e assim lhe mandava num gesto de carinho o

derradeiro adeus, ele depuzera no ultimo olhar o coração todo; e, baixando a cabeça, seguira, sem vontade, tomado de um desespero inerte, num dezanimado abandono de si mesmo.

De então por diante, nenhuma revolta, mais nenhuma veleidade de insubmissão contra o destino que o empolgava. Fôra caído e sucumbido até ao Buracão. So aí, em condições tocantes que lhe reapareciam agora esfumadas, como de muito lonje, na lembrança, dissêra as primeiras palavras.

A canôa, levando-o recrutado, afastára-se já de terra, as primeiras remadas tinham caído nagua, quando, na beira do barranco, surjiu o seu cão, o *Perdido*. Em meneios aflitos, alongando o pescoço, ora erguendo a cabeça, ora roçando a areia com o focinho, correndo de um lado para outro, farejando em vão um caminho que não havia, pozera-se o cachorro a gemer e a ladrar, em uivos roucos e incompletos, entrecortados de latidos de colera e de revolta. Afinal, numa subita decisão, atirára-se ao rio e nadára na esteira da canôa.

Serafim, mesmo aljemado, podéra agarrar-o, suspendel-o até á borda, embarcal-o. Mas, *Perdido*, sacudindo alegremente o pêlo encharcado, borrifára de agua as calças do cabo; e este, furiozo, agarrando-o pelo pes-

coço, arrojára-o de um tranco ao meio do rio, resmungando:

— Sai, peste! Olhem que Voluntario da Patria ia a gente levar para o quartel.

Serafim intercedera então pelo cachorro perguntando, si não poderia leval-o comsigo.

E o cabo a rir:

— Ora o bruto do caiçara querendo entrar para as fileiras já com ordenança atraz...

Todos riram, menos Serafim, que embatucára, remergulhado no seu silencio e no seu desespero.

Serafim entrou com uma indiferença resignada para a vida do quartel, e, pouco depois, para o batalhão do norte, de passagem por Santos, e em cujas fileiras seguiu para o Paraguai. A pouca expansibilidade nativa, tornada mais aspera, mais sorumbatica, pelo retraimento vagamente rancorozo do seu desespero, izolou-o no amalgama do batalhão, composto de nortistas prozas, entremeados de caipiras de serra acima.

A pouco e pouco, perdeu quazi o uzo da fala. Embotou-se-lhe a sensibilidade. O seu coração selvajem fôra sempre como esses rudimentares urocungos dos negros da Costa, que só têm uma corda, e só vibram de um

som. O sentimento que o dominava absorvia-a todo. Outrora, na lonjinha praia natal, a sua vida de adolescente fôra, em todas as circumstancias, em todas as situações, um reflexo de amor de Thereza, como esses rios que correm num chão levemente ondulado de campo, enroscando-se em barrancos, tropeçando em pedras, espraiando-se em brejos, mas refletindo sempre, em todas as suas curvas desiguais, o azul do céu.

Arrancado bruscamente áquele sentimento, que lhe fazia amar a vida, cheia dele, só ficou em seu coração apagado, incapaz de nuances, um negro, absoluto desespero. Nem conseguiram sacudir-lhe os nervos, fazel-o vibrar numa emoção, as primeiras balas que lhe zuniram ao ouvido, vindas do meio de macegas e do fundo da noute, num posto avançado do Passo da Patria. Ele ouvia-as passar, senti-as ameaçadoras, contava que alguma de repente o matasse.. E mais nada. Acabar logo ali, ou acabar pouco adiante, não era tudo a mesma couza?

Atravessou assim, alheio e indiferente, por acampamentos e batalhas, na vagaroza marcha de cinco anos que foi a guerra do Paraguai. Só nas lutas corpo a corpo, nas cargas de baioneta calada, nas carnificinas á arma branca, deixava de bater-se maquinalmente, por simples obediencia aos to-

ques do clarim. Assaltava-o então, furiosamente, a embriaguez do cheiro e da vista do sangue. Um desses momentos, em que era terrível de arrojo, dera-lhe as divizas de sargento — divizas que ele recebeu com a mesma indiferença com que receberia um castigo, ou uma bala.

Para os ultimos tempos da campanha, começou a seduzir-lhe o espirito, esboçada vagamente, a idéa de voltar. Mas o seu desanimo, profundamente arraigado, rezistiu. E' verdade que as balas eram já então bem mais raras do que nos alagadiços do Tuiuti, nas barrancas do Itororó, nas trincheiras de Curapaiti ou de Curuzú. Mas, pipocando de longe em longe, em frouxos tiroteios, em rápidos combates logo decididos, ainda assim matabam, abriam aqui e ali, ao acaso, um claro nas fileiras, varando um peito, despedaçando um craneo. Serafim fôra ferido em varios recontros, e escapára á morte; batera-se, durante quazi cinco annos, em cem combates, e estava vivo. Apezar disso, na obsessão da idéa que troucera de que vir para a guerra era vir para a morte, contava certo que a sua vez chegaria de ficar, emfim, estendido no campo, como outros que ele via a cada passo cairem, e ficarem, deixando para sempre vago o seu logar nas fileiras e na vida.

E, depois, a duração da campanha apreciava-lhe, para o futuro, indefinida, alongada para além, muito para além dos limites razoáveis da sua existência. Não, decididamente era loucura o pensamento de voltar, quando, de vagar, mas incessantemente se marchava para diante, para diante sempre, dos esteiros para os campos, dos campos para as cordilheiras, e nas cordilheiras, desdobradas sempre para mais longe, de serra em serra, de cada trincheira tomada para outra trincheira que surjia do chão...

Aos poucos, porém, a resistência do seu desânimo foi cedendo à evidência. Os destroços do exército de Lopez, bandos de maltrapilhos, mal fugiam já: caíam aos pedaços despencando, pelos trilhos onde se estrema-lhavam acossados de perto, os seus soldados imberbes, nos andrajos de fardas esfarrapadas, desmaiados de cansaço e de fome... Era o fim.

O desenlace da guerra, no Aquidaban, encontrou Serafim já restituído à esperança de um regresso próximo, entregue de todo à preocupação do seu amor, que rezurjira, numa esplosão luminosa, de um fundo, vazio dezespero de cinco anos.

E agora ali estava ele caminhando para Thereza, vencendo os ultimos trechos do caminho que desembocava na praia. Daí a meia hora, quando muito, tornaria a encontrar a noiva, amada e carinhoza, que por tanto tempo julgára perdida para sempre. Imaginava-a, em todas as minucias da formozura, como a deixára: o rosto levemente moreno, com um tom rozado de jambo maduro; os olhos humidos e vivos, muito negros, fitando-o com uma ternura que mostrava a alma; os labios rubros, de um sorriso tão claro e tão meigo, e cujo beijo devia ser tão saborozo.. Vinham-lhe á lembrança os contornos do corpo de Thereza, os seios redondos que espontavam sob a alvura indiscretamente amoldada da camisa... Deliciava-se de a supôr a mesma em todo o conjunto dos seus encantos. Talvez mais alta; deixára-a com quinze anos, vinha encontral-a com vinte. Procurava adivinhar as primeiras palavras que ela lhe diria na perturbação da surpresa, na alegria de o tornar a ver... E logo, logo, o dia do cazamento marcado, um noivado curto, a bençam do padre — e o resto da vida na felicidade do amor, entrelaçados ambos para sempre, estreitamente, de corpo e de alma.

Cazualmente, os olhos do ex-soldado pouzaram num jarová meio debruçado sobre o caminho, por cujo tronco uma trepadeira se enroscára, cinjindo-o, e subira até ao leque das folhas. Chegada á cópa do coqueiro, a trepadeira, aberta em flôr, pendia de todos os lados, balouçando molemente corimbos escarlates.

Serafim parou. Seu olhar, ordinariamente duro, inundou-se de uma infinita doçura; passou-lhe pelos labios como que a sombra dum leve sorriso; ele deixou escapar, murmurada volutuosamente, uma palavra solta, sem sentido:

— Assim.

Um murmurio de vozes despertou-o da cismadora contemplação em que ficára enlevado por instantes. Dois homens, alterados numa altercação, disputavam perto, com palavras asperas, furiozas.

Do ponto onde estava, Serafim não os podia ver. Contornando a encosta do morro, o caminho decia em zigue-zague. Serafim achava-se na parte superior do zigue-zague, a briga dava-se embaixo, na parte inferior, encoberta pelo barranco e pelo mato.

As palavras, porém, chegavam-lhe distintamente:

— Canalha! Já disse e não retiro! bradava uma das vozes.

— Canalha é você, ladrão! respondia a outra.

— Não repita!

— Repito.

— Não repita, que lhe quebro a cara.

— Quaes quebra nada.

— Tu não é homem p'ra mim...

— Sou homem p'ra dois como você.

Apressando o passo, Serafim dobrou a volta do caminho, e avistou, no meio deste, os dois contendores. Conheceu um, o João do Caruára, antigo dezordeiro, brigador avalentado. Grosso, entroncado, com a cabeça baixa, dava ares de touro que vai arremeter. Tinha a mão direita no cabo da faca suspensa á cintura. O outro, desconhecido para Serafim, fazia frente ao do Caruára, com o peito arquejante na camiza entreaberta, os olhos fuzilando, uma espuma de raiva nos cantos da boca. Com o braço direito estendido a todo comprimento, a mão crispada segurava o cabo de um remo, cuja ponta apoiava com força no chão.

Serafim largou o baú, e correu para apartar a briga. Mas a uma palavra obscena que o outro sibilára, o desconhecido ergueu rai-

vozaamente o remo, armou uma pancada formidável que ia despedaçar a cabeça do adversário. Não teve tempo. Rapidamente, com uma agilidade felina, João do Caruára sacou da cinta a faca, cravou-lh'a no peito, saltou para traz, embrenhou-se no mato.

O remo bamboleou no ar, soltou-se da mão. Esta deceu bruscamente sobre a ferida, que jorrava sangue, pouzou um momento, caiu inerte. O desconhecido, com a boca escancarada, de onde corria uma espuma sangrenta, com os olhos arregalados, como querendo saltar das orbitas, ocilou e cahiu nos braços de Serafim, que chegava.

A facada varára o coração; a agonia foi curta. Quando conheceu que o ferido tinha espirado, Serafim arrastou o cadaver, do caminho lavado de sol, para a sombra, alfombrada de musgos, de um guapuruvú izolado entre arbustos. Estendeu-o aí, fechando-lhe piedozamente os olhos. Apanhou a caixa dos aparelhos de pesca, e o puçá, que o desconhecido largára no chão para brigar, e guardou-os, juntamente com o remo, escondidos numa mouta de caraguatás. Em seguida, ficou um pedaço contemplando o morto, e monologando:

— Não conheço esta cara. Coitado, teve a sua baixa do serviço na vida. Também é preciso ter a alma bem na flor da pele pa-

ra levar a breca assim tão de repente. Ah, paizano, si você tivesse andado por lá, como eu, havia de aprender a respirar mesmo com dois furos desses na barriga...

Foi buscar o baú, que deixára atraz, e seguiu. Ao passar na proximidade da sombra, onde deitára o morto, descobriu-se. Mas, não disse mais nada. Ia já novamente absorvido, pensando em Thérèza.

Chegado ao alto do morro, estacou. Espraiou um largo olhar, que abranjia tudo, sobre a cazaria espalhada em baixo, salpicando, com os tons claros das paredes caiadas e o amarelo esfumaçado dos tetos de sapé, a verdura da varjem. Pela beira do jundú, na praia, que o mar agitado franjava de ondas espumantes, canôas descançavam sobre os rolos, redes secavam ao sol, estiradas nos varais. Ao lonje, na fonte, que decia do morro cascadeando, mulheres lavavam; e, dispersas aqui e ali, refujiam brancuras de roupas estendidas ao sol sobre o capim ondulante.

Num deslumbramento, Serafim esfregou os olhos. Parecia-lhe que despertava de um sonho. Era bem a sua praia que ali estava; era bem a sua vida de outrora, que revivia.. Mas, a pouco e pouco, o seu olhar se foi fixando: no meio de todas as couzas

que recuperava, Serafim passou a ver, unicamente, a cазinha branca, entre pitangueiras, lá para o canto da praia, onde Thereza morava.

A primeira caza, quazi encostada á abado morro, era a do Manoel Pedro, principal personagem do lugar, pratico em couzas do mar, homem de bom conselho nas couzas da vida, e dono, além de tudo, da rêde grande. O velho pescador ezercia sobre a população da praia uma verdadeira autoridade de chefe de tribu, que todos espontaneamente lhe reconheciam. Em tudo a que se prendia um interesse coletivo, cabia-lhe a iniciativa, ou a direção.

Quando Serafim chegou, Manoel Pedro sentado na soleira da porta, preparava para as pescarias do costão, descascando-a pachorrentamente, uma vara queimada de bacopari. Serafim aproximou-se, e, postado em frente do pescador, perguntou-lhe:

— Então, *seu* Manoel, não me conhece?

O outro fitou-o com um olhar frio, e abanou negativamente a cabeça.

— Sou Serafim.

Manoel Pedro encostou a vara de bacopari, levantou-se, estendeu a mão:

— Pois seja bem vindo.

E com os pequenos olhos pardos fitos no rosto do ex-soldado:

— E' mesmo, é Serafim. Pois não reconheci. Tambem, quem hávera de dizer. Você saiu daqui rapazote, diziam que tinha morrido na guerra. E agora, de repente, aparece vivo, homem feito, de barba na cara. Vamos entrar.

E deu o ezemplo. Serafim, depondo no chão o baú, seguiu-o. E Manoel Pedro, encarando-o rizonho:

— Ora, já se viu como a barba muda a feição de uma pessoa. Sente, que eu vou mandar arranjar café.

E entrou para o interior da caza, deixando Serafim só, no meio da sala, sem dar ao ex-soldado tempo de contar-lhe que havia ali perto o corpo de um assassinado. Anciozo por fazer a communição, desembaraçar-se, e seguir para diante, Serafim nem se sentou. Esperou, de pé, pelo pescador, que voltou logo, seguido por um pequeno de dez anos, cujo olhar curiozo ficou parado, fixando, com injenua admiração, a figura do hospede.

— Sente, insistiu Manoel Pedro. O café tem pouca demora, mas você ha de vir cansado do estirão que andou, do Buracão até aqui.

Serafim sentou-se.

— Topei com um homem morto, quazi no caminho, perto daqui...

— Um homem morto?

— Matado. Com uma facada.

— Conheceu quem era?

— Não conheci.

— Quem será? murmurou Manoel Pedro, apreensivo.

E, depois de uma pausa:

— E' preciso ir buscar o corpo. Vá ali no compadre Camilo — disse dirigindo-se ao pequenote — e avize a ele que chegue aqui. E' cazo de pressa.

E voltou para o interior da caza, de onde trouxe, acabando de o enrolar, um pano de vela.

Camilo chegou, ficou inteirado em poucas palavras do que havia. Os dois pescadores pediram a Serafim que os acompanhasse para guial-os ao ponto em que se achava o cadaver. Sairam os trez.

— Que noticias me dão do meu padrinho? perguntou Serafim.

— Morreu de umas maleitas brabas, vai fazer trez anos pela quaresma, respondeu Manoel Pedro. E foi pena, porque era rijo, e haveria de botar lonje, si não fosse a doença

Serafim não disse nada; apenas se lhe assombrou levemente o rosto. Depois de um curto silencio, tornou a perguntar:

— E o Jozé Benedito?

— Vai bem.

Era o pai de Thereza. O nome desta subiu do coração de Serafim para os labios: ia pronuncial-o, pedir noticias dela. Mas o seu acanhamento de retraído venceu-o. Veiu-lhe uma subita repugnancia de revelar a anciedade que sentia, de fazer a dois estranhos a confidencia do seu amor. Arrependeu-se mesmo de ter perguntado por Jozé Benedito, mostrando por este um interesse em que se traia o seu afeto pela filha.

E calou-sé.

Emquanto galgavam a subida do morro, Manoel Pedro e Camilo iam interrogando Serafim. Metido comsigo, e brusco, como sempre, o ex-soldado respondia-lhes em frases curtas, ás vezes por monossilabos. Ao fim de vinte minutos de caminho e de perguntas, os dois pescadores sabiam da vida de Serafim e da guerra, pouco mais do que na vespera.

Chegaram junto do guapuruvú, a cuja sombra jazia o cadaver.

— Anselmo! bradou Camilo recuando, espantado, ao reconhecer o morto.

— E' o Anselmo, confirmou Manoel Pedro. Coitado, rapaz de poucos anos e de tanta vida, com dous filhos...

E, de repente, o seu olhar, esprimindo uma idéa vaga que se acentuava, que tomava corpo, passou da figura do morto para o rosto de Serafim, do rosto de Serafim para os olhos de Camilo. Este compreendeu, sem duvida. Quando o ex-soldado se abaixava, estendendo o braço para tirar da mouta de craguatás, onde os escondera, a caixa, o puçá e o remo do morto, appareceu-lhe ao longo da manga uma mancha de sangue ainda fresco, que lhe ficára por ter amparado o moribundo no momento do assassinato.

Camilo, disfarçadamente, mostrou a Manoel Pedro aquele sangue, dizendo em voz baixa:

— Olhe, compadre.

O outro olhou. E, tambem em voz baixa, murmurou:

— Já reparei.

Estenderam o pano da vela; nele pozeram o cadaver. Camilo e Manoel Pedro carregaram a rêde improvisada. Atraz, Serafim conduzia os objectos do morto.

— Como é que você pôde dar com o corpo assim afastado do caminho? pergun-

tou, subitamente Manoel Pedro, parando e voltando o rosto para Serafim.

Este demorou em responder. Não dezejava, de fôrma alguma, ser denunciante; e por isso evitára contar que assistira ao assassinato, que tomára no cazo uma parte qualquer. Sem entrar em explicações, havia-se limitado a dizer laconicamente que encontrára um morto. E agora a pergunta de Manoel Pedro embaraçava-o.

Os dois pescadores ficaram olhando para Serafim; os seus olhos procuravam na fisionomia do ex-soldado a resposta que este estudava e estava tardando a dar. Afinal, Serafim explicou:

— Não vê que eu quiz ver a cachoeira, no ponto em que ela cái da laje, ali adiante. Entrei no mato. Logo nos primeiros passos dei com o morto.

Era uma resposta. Os dous ouviram-n'a em silencio e recomeçaram a andar.

As duas noticias emocionantes, de que resuscitára Serafim, e de que havia sido ali perto morto um homem, que ainda se não sabia quem era, corriam já na praia toda. Serafim, Manoel Pedro e Camilo encontra-

ram apinhadas á boca do caminho umas vinte pessoas, anciando de curiosidade.

Houve rapidas palavras de boas vindas dirigidas a Serafim. E cada um esprimia o seu espanto e a sua compaixão, ao reconhecer no semblante disfigurado do morto as feições de Anselmo. Explodiram frases de indignação contra o desconhecido assassino, conjeturas sobre quem seria, ameaças vagas, pragas rogadas com furor

O corpo foi deposto sobre um catre forrado de um esteira, na sala de Manoel Pedro. E, emquanto a um aceno do velho pescador, varios homens, dos mais idozos, o acompanhavam para uma sombra de murteiras, na frente da caza, onde ficaram conferenciando em voz baixa, a mulher de Manoel Pedro dirijia-se a Serafim:

— O café está quentinho. Sente um pouco que já vem.

Serafim sentou-se e esperou.

Pela janela aberta, via o grupo de pescadores que conferenciavam animadamente. O borborinho das palavras, pronunciadas em segredo, chegava-lhe confuzamente ao ouvido. Serafim apenas compreendia que se tratava da morte de Anselmo, de conjeturas sobre o autor ignorado do crime, de providencias a tomar.

— Ha de ser bem custozo, pensava ele, atinarem que foi o João do Caruára. Ninguém viu, sinão eu; e ele não deixou signal nenhum..

Depois da pequena demora, o café veiu. Serafim esgótou a tijela de louça branca com ramajens cor de rosa e levantou-se.

— Obrigado, sinhá Rita. Até logo todos.

E saiu.

Quando fóra da porta, abaixava-se para apanhar o baú, que deixára no chão, chegou-se-lhe Manoel Pedro, acompanhado dos demais pescadores; e batendo-lhe no hombro, o velho disse-lhe com voz firme:

— Esteje prezo.

Serafim olhou estupefacto. Não podia acreditar que o pescador falasse a sério; mas não lhe parecia também que a ocasião fosse propria para um gracejo.

— Prezo, eu? perguntou entre espantado e incredulo.

— Você mesmo.

— Prezo porque?

— Porque foi você que matou o Anselmo.

E vinte vozes apoiaram Manoel Pedro:

— De certo que foi! — Não foi outro!

— Ninguém é cego p'ra não vêr o que está

entrando pelos olhos! — Não negue, que é asneira!

Todos os presentes, cujo número aumentava sem cessar com os que vinham chegando, cercaram Serafim. Um côro tumultuoso de imprecações, um granizo de frases que o condenavam, caiu sobre a sua cabeça.

— Vejam só, foi á guerra aprender a ser matador. — Soldado sempre foi gente de má casta. — E este então, que sempre foi um boi sonso, um casmurro de cara torcida. — Nem bem chegado, já matou um. — Deve ir prezo! — Ha de ir! — Ha de ir!

— Esteje prezo, repetiu Manoel Pedro.

Serafim sacudiu os hombros, no gesto de quem cede a uma força maior do que a sua vontade.

Para desfazer aquella acuzação absurda, para aplacar aquelle assanhado furor da gente de sua terra, que contra ele tempestuava logo no momento da sua chegada, não tinha outro recurso que não fosse dizer o nome do assassino, contar o cazo como o prezenciára. Repugnava-lhe vivamente o papel de denunciante. Mas que fazer? Não tinha outra defeza. E rezolveu:

— Pois eu sei quem matou o homem. Foi...

Mas, interrompeu-se, enguliu o resto da frase. Por entre os troncos de murteiras,

caminhando para o lado dele, apparecêra Thereza. A alma de Serafim concentrou-se, resumiu-se toda no olhar, que se embebeu na figura da moça. Pareceu-lhe esta mais bonita do que nunca, no desenvolvimento das fôrmas opulentas, no brilho dos grandes olhos pretos, numa desmaiada palidez que a fazia mais branca, branca de marmore. Nas feições alteradas de Thereza, Serafim adivinhou, sentiu, viu — toda a ternura de outrora, ardente e fiel, revelando-se na commoção em que a sua chegada imprevista alvorocava o coração da noiva.

E deu um passo para Thereza.

Mas a moça, com andar incerto em que os tamancos arrastavam no chão, passou por Serafim sem olhar, entrou á porta, foi direita ao cadaver de Anselmo, e, atirando-se sobre ele, debulhada em pranto, abraçando-o e beijando-o, num desespero que lhe fazia tremer o corpo todo, teve um grito lancinante:

— Meu marido!...

Mulheres e crianças, ao contajio da dor de Thereza, romperam então numa vozeria de gemidos, num côro de lamentos. Frazes soltas, em vozes entrecortadas de choro, co-

mentavam o fim triste do morto, lembravam as suas boas qualidades, lastimavam a sorte da viuva, com os seus dous filhinhos sem pai...

Serafim viera até á porta. Com os braços abertos, as mãos firmadas nos dous batedores, via e ouvia tudo, assombrado, num atordoamento. Só aos poucos o seu cerebro foi saindo do torpor em que o submerjira o imprevisito, o espantoso da cena. Começou afinal, a comprehender, num dezalento em que tudo parecia desmoronar-lhe em cima, a terrivel, irremediavel situação: Thereza, esquecida do seu amor, nos braços de outro; o morto, recebendo ali, diante de seus olhos, toda a apaixonada ternura que ele, Serafim, contava encontrar fiel; a natural suspeita, tão servida pelas circumstancias do acazo, que o apontava como assassino do que se tornára marido de sua noiva...

De repente, Thereza ergueu-se. Voltada para Serafim, com os olhos fuzilando odio, num gesto desesperado, em que atirava as mãos acima da cabeça, bradou:

— Malvado! Matador, Malvado!

E tornou para o morto, caiu sobre ele, abraçando-o e beijando-o sofregamente, afogada em soluços.

Serafim abaixou a cabeça, deixou pender os braços.

Em seu coração esmagado começou a surgir um sentimento estranho. Olhou para as próprias mãos, viu-as limpas, e teve pena, pena de que não estivessem tintas, ensopadas no sangue de Anselmo.. Pareceu-lhe que lhe seria delicioso ter sido ele mesmo o verdadeiro assassino, ter varado ele mesmo o coração daquele que, vivo lhe roubára a noiva; morto, ainda o esbulhava do desesperado carinho, da arrebatada paixão que ali soluçava e se estorcia; e, mesmo enterrado, apodrecido debaixo do chão, estaria ainda assim vinculado para sempre ao coração e á vida de Thereza, pelos dous filhos que lhe deixava. .

Fitando a moça, que abraçava furiosamente o cadaver, e alagava de lagrimas e cobria de beijos o rosto desfeito do marido, Serafim pensava:

— Devia ser eu! Devia ser eu! O João do Caruára se adiantou, tomou uma tarefa que era minha...

A idéa de ser para sempre, aos olhos de todos, o assassino de Anselmo, penetrou-o de uma dolorosa volutuosidade. A perspectiva da força ou das galés, atraiu-o com uma atração vertijinoza de abismo. Invadiu-lhe a alma, apoderou-se de toda ela, uma desesperada sêde de sofrimento, de mais, de mais sofrimento...

Voltando-se para os homens, que desde a chegada de Thereza se conservavam mudos e imóveis, fóra da porta, Serafim falou:

— Fui eu mesmo. Matei quem roubou minha noiva.. Matei, está acabado. Si ele tivesse outra vida, eu matava outra vez... Podem-me levar pr'a Justiça.

L U I Z I N H A

COMEDIA EM DOIS ACTOS

ACTO I

Cena I

LUIZINHA e SARA

(Ao subir o pano, Luizinha canta ao piano. Sara borda, junto á mezinha do centro).

LUIZINHA (*cantando*)

E' tão pouco o que dezejo
Mas é tudo o que me falta
Só porque a flor do teu beijo
Pende de rama tão alta.

De rama tão alta. (*Voltando-se para Sara*) Você nunca viu um galho de roseira curvado ao pezo da flor?

SARA (*sorrindo*). Vejo-o todos os dias. E' pessoa muito do meu conhecimento.

LUIZINHA. Indiscreta. E vamos á lição que por cauza desta cantiga estudei tão pouco. E' preciso cumprir a obrigação...

SARA. Ainda que não seja sinão depois da devoção.

LUIZINHA. Devoção... que suave palavra! Mas esta canção. *(cantando)*.

Só porque a flor do teu beijo
Pende de rama tão alta.

Esta canção é muito bonita, não é?

SARA. Muito. Você já me perguntou quatro vezes... E eu já respondi...

LUIZINHA. Quatro vezes? E' por isso que já sei de cór a sua resposta. Vamos ao estudo de Debussy. *(Inicia a Aquarelle. Depois de algumas frases interrompe o canto)*. E' muito complicado. E não me diz nada. Vocês que gostam desta muzica rebuscada têm de certo um terceiro ouvido... Eu não a entendo. Mas é preciso que a estude. Discipuiã que não canta Debussy compromete o mestre. *(Recomeça a Aquarelle. Ao fim de algumas frases)* Não vae mesmo. Acudamos á minha garganta. *(Faz soar o timpano)*. Hoje não quero que ela falte.

SARA. Na musica de Debussy?

LUIZINHA. Não, na outra. Na que eu entendo.

SARA. Com relação a essa é que eu creio que você tem um terceiro ouvido...

Cena II

AS MESMAS e JESUINA

JESUINA (*entrando*). A menina chamou?

LUIZINHA. Traga-me um copo d'agua, e assucar.

JESUINA. Um copo com agua e assucar?

LUIZINHA. Sim, creatura. Um copo. Agua filtrada. O assucareiro. Uma colher. Tudo numa salva. Entendeu?

JESUINA. Entendi, menina. Uma salva, um copo filtrado com agua e o assucareiro com assucar numa colher. Vou por eles. (*Sae*).

Cena III

LUIZINHA. E' uma trapalhona. Atrapalha-se com tudo que se lhe diz numa lingua que, afinal, se parece bastante com a dela. Tambem coitada! com tres dias de Brasil. e apenas vinte e quatro horas de creada.

SARA. E era uma rustica, que só aprendeu a lavrar a terra, e só conhecia as beiradas da sua aldeia...

LUIZINHA. E' preciso ter paciencia com ela. Que seria eu como criada?

SARA. Você?

LUIZINHA. Não acabava o dia. Punham-me na rua...

SARA. Por falar em rua. (*Olhando o relógio da pulseira*) São horas de sair com miss Gribble. Vou pôr o chapéu. Até já. (*Sáe*).

Cena IV

LUIZINHA e JESUINA

JESUINA (*apresentando-lhe a salva*). Tome lá.

LUIZINHA. Não diga assim — Tome lá! — que é feio, Jesuina. (*Põe-se a preparar a agua com assucar*).

JESUINA. Que hei de então dizer?

LUIZINHA. Diga — “Está aqui o que pediu” — por ezemplo.

JESUINA. Digo, digo, que não custa dinheiro: Está aqui o que pediu por ezemplo.

LUIZINHA. Ou não diga nada, que é melhor. Quando se lhe mandar fazer alguma

couza, faça-o calada. E só, responda ao que se lhe perguntar. (*Depois de tomar a agua com assucar, volta ao piano e recomeça o canto*).

JESUINA (*com a salva nas mãos*). A menina está a cantar?

LUIZINHA. Parece. Porque?

JESUINA (*hesitando*). Porque.

LUIZINHA. Diga.

JESUINA. Porque a mim me não parecia. Este é canto cá do Brasil?

LUIZINHA. (*rindo*) E'. Você, está-se vendo, gosta mais dos da sua terra? Eu tambem.

JESUINA. Os cantos que se lá cantam são outros. Mas tudo é cá diferente.

LUIZINHA. Será você capaz de cantar este fado? (*Tóca*).

JESUINA. Ai que não sou! Logo o fado liró.

LUIZINHA. Pois então, cante. (*Toca o fado*)

JESUINA (*largando a bandeja sobre a mezinha do centro, canta*):

Guitarra, guitarra, geme,
Que o meu peito todo freme
Quando chóras pianinho.
Nem ha fado com mais alma
Que o liró, pois leva a palma
Té ao fado choradinho.

Vou pedir a Deus que deite
Trinta gotinhas de leite
Numa concha de carmim.
Verás como se assemelha
A' tua bocca vermelha,
Aos teus dentes de marfim.

Cena V

(MISS GRIBBLE E SARA *aparecem á porta e estacam*):

MISS GRIBBLE (*escandalizada*). Oooh!...

JESUINA (*cantando*). Oh, oh, oh, oh.

MISS GRIBBLE (*avançando energicamente. Para Luizinha*). Oooh! Não é bonito. "Improper". Na sua sala de estudo. Uma criada. Cantando. Você acompanhando. (*Para Sara*). "Improper", não acha?

SARA (*sorrindo*). Realmente, Luizinha... Miss Gribble tem razão.

MISS GRIBBLE (*para Jesuina*). Vae para seu serviço. Lá dentro. No seu lugar. (*Para Luizinha, que sorri*) Você é sempre como estava assim (*indicando altura de creança*).

LUIZINHA (*rindo e abraçando-a*). Tem razão, minha boa Miss Gribble. Atura-me

desde que eu era (*reproduzindo o gesto de Miss Gribble*) assim. . E ainda não se acostumou com as minhas travessuras. Mas acaba sempre perdoando. e rindo. Eu estava sufocada de muzica sabia. O fado liró é bonito, não é? (*Canta acompanhada de guitarras na orchestra*).

Perguntei á minha amada
Si ao romper da madrugada
Ella a porta vinha abrir.
Mas ella, sempre furtiva,
Fingindo-se pensativa,
Nada mais fez que sorrir...

MISS GRIBBLE. Oooh!

LUIZINHA. E então vão á cidade, enquanto a pobre de mim fica ás voltas com Debussy?

SARA. Você não quer incumbir-nos de nada ?

LUIZINHA. Quero. Quero que vão á caza Mappin e tomem lá chá por mim. Com torradas, e pouco assucar. E Miss Gribble, a quem compete instruir-me, repare bem nas toilettes para me contar qual é a moda hoje. (*Fingindo falar no ouvido de Sara, mas de modo que miss Gribble ouça*) Arranje e traga-me um noivo. para miss Gribble. Jurei que a havia de casar

MISS GRIBBLE. Sempre alegre. "Terrible" Luizinha!

LUIZINHA. "Terrible" miss Gribble, é por vingança. Não socego enquanto não a vir com um noivo a quem diga, não Oooh!... como a mim, mas... (*com derretimento comico*). Oooh!, my dear! (*Abraça miss Gribble, que ri desenxabidamente*).

SARA. Até logo.

LUIZINHA. Até logo. (*Para miss Gribble*) Esta Sara é uma flor, não é?

MISS GRIBBLE. Sim uma flor, sempre. Você também. Mas você, algumas vezes, precisa ter mais. mais.

LUIZINHA (*rindo*). Juizo, diga.

MISS GRIBBLE. Oooh! Juizo, não. Nunca eu dizia. Mais. mais.. Até logo. (*Sáe*).

Cena VI

LUIZINHA, só

Si eu tivesse juizo não estudava canto e ia com elas á cidade, que é mais divertido. Este Debussy acaba-me com a casta. E' tão complicado. Muzica para artista. E eu, em materia de canto sou uma simples. . amadora. (*Olhando o relógio da pulseira*) Um

minuto para as tres. Não tarda o sr. Gervasio, o sr. Gervasio Gomes, meu respeitavel professor. (*Sôa fóra, a campainha eletrica*) Eil-o.

Cena VII

JESUINA. Menina está cá um homem que.

LUIZINHA. Faça-o entrar.

JESUINA. Faço-o entrar? Para aqui?

LUIZINHA. Sim. Faça-o en-trar pa-ra a-qui. Entendeu?

JESUINA. Entendi, menina. Entendi E vou por elle. Vou já. (*Luizinha dá um geito ao cabelo e a uma roza que traz ao peito, e senta-se ao piano, onde dedilha*).

Cena VIII

JESUINA (*da porta, com um desconhecido*). Está cá o homem do leite.

LUIZINHA (*voltando-se bruscamente*)
Quem? (*Ao desconhecido*) Quem é? Que quer?

O DESCONHECIDO (*gaguejando*). Io... sono venuto...

(*Sôa fóra a campainha*).

LUIZINHA. (*A Jesuina*). Vá ver quem está batendo e faça entrar, isto é, pergunte-lhe o nome. Se fôr o sr. Gervasio Gomes faça-o entrar para aqui.

JESUINA. Sim, menina. Si for o sr. Gervasio Gomes, faço-o entrar. Isso faço. Si não for.

LUIZINHA (*impaciente*). Ande. Vá ver.

JESUINA. Vou. Já estou indo.

LUIZINHA. (*olhando no relógio da pulseira*). Deve ser elle. (*Dando com o desconhecido*) Mas que quer o senhor?

O DESCONHECIDO. Io... Io.

Cena IX

GERVASIO (*á porta*). Dá licença, D. Luizinha?

LUIZINHA. Chegou atrasado. Tres minutos. E' um caso raro. E logo hoje...

GERVASIO. Um atrazo do bonde, minha senhora.

LUIZINHA. Por isso é que eu não gosto de andar de bonde. Por isso, e porque não é comodo. O sr. não prefere andar de automovel?

GERVASIO (*sorrindo*). Esquece D. Luizinha, que sou um simples professor de canto...

LUIZINHA. E' verdade. Nunca me lembro disso.

JESUINA (*que tem estado, á porta, discutindo acaloradamente com o desconhecido*). A menina mandou que cá viesse. Espere, homem. (*A Luizinha*) Oh menina, o homem do leite...

LUIZINHA. Que quer, afinal o homem do leite ?

JESUINA (*adeantando-se*) Diz que... não sei que. Não n'ó entendo.

LUIZINHA (*para o desconhecido*). Que quer afinal o senhor?

O DESCONHECIDO (*gaguejando*). Ispezionare l'orologio della luce elettrica.

LUIZINHA (*rindo*). Ah, é empregado da Light? Pois vá vêr Vá você com elle, Jesuina. Acompanhe-o.

JESUINA. Vou, sim, menina. E é longe ?

LUIZINHA — Pergunte ao copeiro. Pergunte lá dentro.

JESUINA. Pergunto, menina. Pergunto. (*Ao desconhecido*) Ande-me, ande-me. (*Saem os dous*).

Cena X

LUIZINHA. E' uma trapalhona. Mas, para fazer justiça, neste caso as trapalhonas fomos as duas, não acha ?

GERVASIO. Permite, D. Luizinha, que lhe dê os parabens, pelos seus anos, e faça votos para que seja feliz, muito feliz ?

LUIZINHA. Agradeço-lhe os parabens, os votos que faz, e as lindas rosas que me mandou. (*Mostrando-lhe a que traz ao peito*) Reconhece esta? Mas eu quero agradecer-lhe melhor do que com palavras. Preparei-lhe uma surpresa.

GERVASIO. Uma surpresa?

LUIZINHA (*sentando-se ao piano*). Conhece? (*Canta*).

E' tão pouco o que eu dezejo
Mas é tudo o que me falta
Só porque a flor do teu beijo
Pende de rama tão alta.

Ninguém sabe o que suporta
O mar que chora na areia.
Por essa tristeza morta
Das noutes de lua cheia.

Em baixo o pranto das aguas,
Em cima, a lua serena;
E eu, pensando em minhas maguas,
Ouço o mar... e tenho pena.

Ai, minha sina está lida,
Meu destino está traçado:
Amar, amar toda a vida,
Morrer de não ser amado.

-- E agora, diga-me uma couza, porque me ocultou que tinha escrito sobre esses versos esta muzica que só por fayor de uma amiga conheci ?

GERVASIO. Porque era couza tão...

LUIZINHA. Tão o que? Diga.

GERVASIO. Tão insignificante...

LUIZINHA. Senhor Gervasio Gomes, sabe que não gosto dos maldizentes e detesto principalmente os que dizem mal dos meus amigos. Si o senhor não quizer reconhecer que essa canção é linda.

GERVASIO. Oh, minha senhora.

LUIZINHA. Ficamos de mal. (*Oferecendo-lhe o dedo minimo em curva*). Quer cortar ?

GERVASIO (*sorrindo*). Não, D. Luizinha. Asseguro-lhe que não quero. E vamos agora à lição ?

LUIZINHA (*suspirando*). Vamos. (*Canta a Aquarelle de Debussy*).

Voici des fruits, des fleurs, des feuilles et des bran-
[ches

Et puis voici mon cœur ne bat que pour vous
Ne le déchirez pas avec vos deux mains blanches
Et qu'à vos yeux si beaux l'umble présent soit doux.

J'arrive tout convert encôre de rosée
Que le vent du matin vient glacer á mont front.
Souffrez que ma fatigue á vos pieds reposée
Réve des chers instants qui la delasseront.
Sur votre jeune sein laissez rouler ma tête
Toute sonore encor de vos derniers baisers
Laissez-la s'apaiser de la bonne tempête
Et que je dorme un peu, puisque vous reposez.

GERVASIO. Bravo! Sabe que cantou como uma artista? Começa emfim a aceitar e sentir as sutilezas dessa muzica feita de nuances e que realiza a perfeição, não é verdade? verdade?

LUIZINHÁ. Ainda não. Mas tenho esperança. O senhor faz tanto empenho nisso...
(*Escolhe outra musica*).

Cena XI

D. EMILIA (*entrando com Estacio*). Luizinha, olhe quem está aqui.

LUIZINHA (*correndo para o Estacio, cujas mãos aperta*). Oh Estacio! Ora essa! Como nem a Sara avizou da sua chegada? Você é o que se póde chamar um noivo sem graça. Bem feito, não a encontrou em caza. (*Olhando no relógio*) Mas não póde tardar.

D. EMILIA (*cumprimentando Gervasio*). Interrompi-os por uma novidade que me alvoroçou. O Estacio chegou inesperadamente do sertão e dos selvagens, depois de mais de um ano de ausencia. já o conhecia ?

GERVASIO. Apenas de nome, de tanto bem que dele se fala aqui nesta casa, e no publico, onde a sua reputação de moço cientista está penetrando gloriosamente...

D. EMILIA. Si não fosse meu sobrinho, quazi meu filho, diria que se está tornando um grande homem...

GERVASIO. Diga-o, minha senhora, e tenha orgulho dele, como o Brasil vae tendo. (*Luizinha e Estacio aproximam-se*).

D. EMILIA. Estacio, o sr. Gervasio Gomes, um artista de valor. (*Estacio cumprimenta-o*).

GERVASIO. Oh, minha senhora por quem é...

D. EMILIA. E' um ecelente amigo nosso, que espero será tambem seu. Faz-nos o favor de ensinar canto a Luizinha.

ESTACIO. Conhecia-o de nome. Ainda da ultima vez que estiveram no Rio, por ocasião da minha partida para a Rondonia, minha tia e Luizinha falaram-me do senhor

com.. eu ia dizendo com amizade, mas corrijo-me a tempo — com entusiasmo.

D. EMILIA. Não é verdade ?

ESTACIO. Luizinha revelou-me então composições suas que me pareceram encantadoras. E fez-me conhecer uma discipula que, pela sua arte, atestava a competencia do mestre...

GERVASIO. Uma discipula minha ?

LUIZINHA. Era eu. Como ele vae ficar vaidoso !

GERVASIO. E não tenho de que?

D. EMILIA. Pois é uma discipula que só o sr. Gervasio, com a sua paciencia de santo, aturaria... Elle é uma das maiores vitimas de suas travessuras. Eu bem lhe peço que uze de rigor, a castigue... Mas ele está sempre pronto a perdoar-lhe e a defendel-a.

ESTACIO. Então a Luizinha é sempre o gracioso diabrete que era?

D. EMILIA. O mesmo, não direi. Está peor. (*Todos riem*).

LUIZINHA (*com um ar fingido de queixa*) Ah, mamãe, que ezagero! E seria pena que o Estacio o acreditasse. Para que fazel-o cair nesse grande erro, a ele, que é um sabio? (*A Gervasio*) Não é verdade que eu sou a melhor creatura deste mundo ?

GERVASIO. Eu estaria pronto a jurar-o, si.

LUIZINHA. Si?.

GERVASIO. Si fosse lisongeiro.

LUIZINHA. O senhor não gosta de dizer o que não sente. Mas desconfio que também gosta pouco de dizer... o que sente.

D. EMILIA. Vamos sentar-nos. A lição de canto.. Também hoje é dias dos anos da Luizinha.

ESTACIO. E' verdade. Hoje é tres de Junho. Está uma senhora. Apresento-lhe os meus respeitosos cumprimentos. (*Luizinha faz, com gravidade comica, uma mesura*)

D. EMILIA. Vamos sentar-nos (*Sentam-se*). E agora conte-nos o Estacio alguma coisa de si, dos sertões por onde andou, dos bugres com quem viveu. Quanto á saude, parece que não aproveitou muito. Acho-lhe assim um ar abatido. Será das canceiras, das privações. Passou por lá horrores, está visto..

ESTACIO. Horrores, horrores, não direi. Pouco conforto, alguma fome...

LUIZINHA. Fome? Mas lá não uzam a antropofagia?

ESTACIO. Uzam, moderadamente. E só entre os naturaes. Os estranhos apenas uma

ou outra vez são a ela admitidos, na qualidade de alimento.

D. EMILIA. O que eu mais' admiro no Estacio é essa coragem de se meter no sertão, a estudar os selvagens, como si não houvesse tanta outra couza a estudar sem tamanho sacrificio do bem estar. Um moço criado com tanto mimo. Estudou medicina sendo um dos ornamentos da sociedade elegante do Rio. Formou-se. Estava conquistando nome de sabio... E deixou tudo isso...

LUIZINHA. Para ir tentar a clinica entre os nambiquaras.

GERVASIO. Para ser um heróe. O sr. dr. Estacio é um paulista em quem revive a alma dos bandeirantes.

ESTACIO. Não ezageremos. Fui, como simples auxiliar do illustre Rondon, ezercer a minha curiosidade scientifica no estudo de alguns dos ultimos exemplares sobreviventes do homem paleolitico. Prestei o meu pequeno esforço, bem menor do que o de outros que lá estão com mais assiduidade, á grande obra de conquistar para a nossa Patria o seu vasto sertão. Não ezageremos o meu papel, muito secundario...

LUIZINHA. Ezageremos, ao contrario. Estacio é um entusiasta do Brasil brasileiro. Tudo que é nosso, bem nosso, o interessa com

fervor, mesmo os selvagens, abandonados egoisticamente até ha pouco por nós, parentes civilizados deles. (*A Estacio*) Eu gosto da enerjia com que você manifesta por actos como ama a nossa terra em tudo que é dela, os seus triunfos ou as suas tristezas. Admiro-o. (*Sorrindo*) E. si Sara não se tivesse adeantado, ia eu tratar de fazer a bela conquista desse conquistador dos sertões...

ESTACIO (*constrangido*). Mas a minha chegada interrompeu o seu canto. Quer fazer-me a graça de recommençar? Para um pobre homem que passou mais de um anno entre nambiquaras...

LUIZINHA (*levantando-se*). Vou cantar-lhe alguma cousa evocativa.

GERVASIO (*levantando-se*). Quer, de certo, que a acompanhe.

LUIZINHA. Não, obrigada. (*Senta-se ao piano, e canta uma canção nambiquara, depois de tirar de uma estante um volume da Rondonia*).

Ni-zá-niná orekuá, kuá
 Kaza-etê, etê...
 No-zá-niná orekuá, kuá
 No-za-ninó terá-han, ra-han
 Olo-niti, niti,
 Noterá han kosê tozá

Noterá-terá
Kenakiá-kiá
Nêê e ená ená
Ualalô lalô
Girá halô halô.

(*Findo o canto, a Estacio*). Você decerto entende isto, musica e letra. Esplique-o ao sr. Gervasio que precisa ensinar-m'ô.

ESTACIO (*sorrindo*). Não confundamos, Luizinha. Eu pretendo que civilizemos os nossos parentes selvagens, e não que aprendamos com eles a sua cultura.

GERVASIO (*sorrindo*). Na musica, sobretudo. A deles.

LUIZINHA. Acho-lhe semelhança com a a de Debussy . Não as entendo bem, nem uma, nem outra...

GERVASIO. Oh, minha senhora! Pelo amor de Deus, porque não já a Debussy, mas ao seu modesto professor!

LUIZINHA. O Estacio sabe que eu gosto de brincar... E agora, para me penitenciar, dessa brincadeira que ofendeu o meu mestre vou cantar a serio. (*A Gervasio*) Quer acompanhar-me? (*Gervasio levanta-se*).

Cena XII

SARA e MISS GRIBBLE *aparecem á porta. SARA estaca. MISS GRIBBLE pára discretamente. ESTACIO levanta-se, e dirige-se para SARA)*

SARA. Estacio!

ESTACIO. Sara! (*ficam de mãos dadas, contemplando-se*).

MISS GRIBBLE (*dirigindo-se a Gervasio*).
Passa sempre bem, não?

GERVASIO. Obrigado. E a boa miss Gribble?

D. EMILIA (*a Gervasio*). Coitada de Sara. Ha dez mezes, desde que meu irmão morreu, é a primeira alegria que tem. E alegria um tanto misturada de tristeza. Recebe, pela primeira vez, o noivo fóra da sua caza, que já não tem.

GERVASIO. Na caza, porém, de uma segunda mãe.

LUIZINHA. Pobre Sara. Vou ver si a distraio e animo. (*A Estacio*) Agora, em vez de muzica nambiquara. (*Acompanha Sara com os olhos. Estacio e miss Gribble cumprimentam-se*).

SARA (*dirigindo-se a Gervasio*). Bom dia!

GERVASIO. Eu não lhe dou bom dia. Que ~~melhor~~ poderia ter do que este?

LUIZINHA (*a Estacio*). Em vez de muzica nambiquara, de que de certo veiu farto, póde você ouvir uma linda voz de que não se fartará... Sara, o Estacio chega dos ser-tões sedento de muzica...

SARA. Você sabe que eu canto tão poucas vezes...

LUIZINHA. Cantava poucas vezes. Agora. Agora é diferente. Vae cantar como um canario. O Estacio espera.

SARA. Luizinha.

LUIZINHA (*a Estacio*). Está acanhada. E' natural. No caso dela, até eu o estaria... (*A Sara*) Vamos. Eu ajudo. Cantemos um dueto. Alguma couza bem brasileira, na muzica e na letra, e de autor (*olhando para Gervasio*) muito conhecido... nosso. (*A Gervasio*) Quer acompanhar-nos?

(*Gervasio levanta-se, os tres dirigem-se para o piano. Luizinha e Sara, acompanhadas por Gervasio, cantam*).

ULTIMA CONFIDENCIA

LUIZINHA

E si acaso voltar? Que hei de dizer-lhe quando
Me perguntar por ti?

SARA

Dize-lhe que me viste, uma tarde, chorando..
Nessa tarde parti.

LUIZINHA

Si arrependido e ancioso ele indagar: "Para onde?"
Por onde a buscarei?"

SARA

Dize-lhe: "Para além... Para lonje... Responde
Como eu mesma: "Não sei!"

Ai, é tão vasta a noute... A meia luz do ocazo
Desmaia... Anouteceu...
Onde irei? Nem eu sei... Irei, seguindo ao acazo
Até achar o ceu.

Eu cheguei a supor que possível me fosse
Ser amada, e viver;
E' tão facil a morte... Ai, seria tão doce
Ser amada... e morrer!

Ouve, conta-lhe tu que eu chorava, partindo,
As lagrimas que vês..
Só conheci do amor, que imaginei tão lindo,
O mal que ele me fez.

Narra-lhe, tranze a tranze, a dor que me consóme.

Nem houve nunca igual!

Dize-lhe que eu morri murmurando o seu nome

No soluço final.

Dize-lhe que o seu nome ensanguentava a boca

Que o seu beijo não quiz:

Golfa-me em sangue, vês? E eu, murmurando-o, louca!

Sinto-me tão feliz... .

Nada lhe contes, não... *Poupa-o. Eu quasi o odeio...

Ocultá-lho! Senhor,

Eu morro! Amava-o tanto... Amei-o sempre... Amei-o

Até morrer... de amor.

(Todos aplaudem).

O COPEIRO (*que estava, á porta, esperando que terminasse o canto*). O chá está servido.

D. EMILIA. Vamos ao chá?. (*A Gervasio*) Previno-o desde já que conto com o senhor para jantar conosco. Pelo motivo que sabe, não festejamos hoje o aniversario da Luizinha sinão em familia. Mas o senhor é como da familia.

GERVASIO. Oh, minha senhora, seria indiscreto si aceitasse esse convite, que agradeço.

LUZINHA. Estacio, você que andou civilizando os nambiquaras, explique ao sr. Ger-

Gervasio **Gomes** como deve proceder um cavalheiro convidado para jantar com uma dama que faz anos.

ESTACIO (*sorrindo, constrangido para Gervasio*). Realmente, esse convite obriga.

D. EMILIA (*a Estacio*). Quanto a você.

ESTACIO. Infelizmente não posso, titia...

SARA. Como? Você vae sair antes de jantar?

LUIZINHA. Sr. Gervasio, peço-lhe que explique a este senhor vindo dos nambiquaras como deve proceder um cavalheiro convidado para jantar com uma dama que faz anos...

GERVASIO (*sorrindo, a Estacio*). Realmente é um convite que obriga. (*Todos riem, e saem, menos Sara e Estacio*).

Cena XIII

ESTACIO (*fazendo um signal a Sara para que se sente. Senta-se*). Sara, com atrazo de muitos mezes me chegou ao sertão a noticia da morte de seu pae. Logo que a recebi, tratei de voltar para acompanhá-la na sua magua, e realizar o meu sonho...

SARA. O nosso sonho.

ESTACIO. Corri, si se póde dizer assim **desse lento** arrastar através imensas soli-

dões sem recursos, para a minha noiva tornada orphã... Cheguei, ha tres dias, ao Rio...

SARA. Ha tres dias, já?

ESTACIO. Fui obrigado a deter-me lá, onde soube que seu pae morrera desesperado por ter-se e tel-a arruinado. Fui depôr-lhe sobre o tumulo algumas flores...

SARA. Obrigada, Estacio.

ESTACIO. Soube tambem que você tinha vindo para a companhia de nossa tia. Só hoje, ha pouco, cheguei a S. Paulo, aonde vim para jurar-lhe que a amo mais do que nunca a amei...

SARA. Oh, obrigada, Estacio!

ESTACIO. E dizer-lhe um ultimo adeus.

SARA (*sem comprehender*). Um ultimo adeus?

ESTACIO. Sim, Sara. Venho restituir-lhe a mão que você e seu pae me haviam prometido.

SARA (*levantando-se, hirta*). Adeus!

ESTACIO. Um momento ainda, Sara.

Cena XIV

LUIZINHA (*á porta*). O idilio parece que vae longe. Querem que lhes mande aí o chá?

ESTACIO. Obrigado. Luizinha. Já vamos. (*Luizinha desaparece*). Escute, Sara. Sente-se. Tenho ainda tanto que dizer-lhe. E é tão difícil resumir tudo que tenho a dizer-lhe. Sara, eu também estou pobre. O amigo a quem eu confiara a administração dos meus bens meteu-se em especulações. Arruinou-se, arruinou-me, fugiu. Detive-me no Rio a liquidar o pouco que me restava e que apenas deu para honrar o meu nome abuzivamente comprometido pelo meu procurador. Estou sem nada...

SARA. E nessas condições, compreende-se, não pôde cazar com uma moça como eu.

ESTACIO. Sara, não diga isso em que você mesma não acredita. O que eu não posso, o que não devo, o que eu não quero, é sacrificar-a. Você, filha de banqueiro, foi criada na opulencia. Tem direito a essa opulencia, que é a unica atmosfera possivel á sua alma fidalga. Mantem-n'a na companhia de nossa tia, em que encontrou uma segunda mãe, e na de Luizinha, em quem encontrou uma irmã. Eu sou um condenado á pobreza. Dediquei até hoje o meu esforço ao estudo de ciencias que pensava poder cultivar sempre na independencia das preoccupações materiaes. Sou um medico que nunca ezerceu a medicina, e se reconhece

inato a exercer essa, ou qualquer outra profissão util. Não sei ganhar dinheiro, nunca aprendi. E não quero, Sara, que você seja a mulher de um cientista incapaz de ser outra couza, votado á pobreza, que para você seria a miséria...

SARA. E eu, Estacio, quero ser a mulher amada e feliz, desse cientista pobre.

ESTACIO. Não, Sara. Você é uma menina de dezoito annos. Eu tenho vinte e seis, e sou um homem. Você tem o direito de querer sacrificar-se. Eu tenho o dever de não aceitar o seu sacrificio. O meu unico, irremediavel destino, é o sertão. Não tenho outra carreira. Não posso ambicionar, para mim, sinão que você mantenha o esplendor da sua vida.

SARA. Estacio, meu Estacio, pois você acredita que eu consentiria...

ESTACIO. Peço-lhe eu, Sara. A unica, a ultima felicidade que hoje posso esperar é de a ver feliz. Não m'a negue, Sara! Eu nunca me perdoaria si a sacrificasse ao meu egoismo... E teria sempre o terror de que você mesma, algum dia, ao ver com os olhos marejados de lagrimas a sua vida estragada por esse amor de criança, não m'o perdoasse.

SARA. Oh! Estacio, porque lhe mereci esta idéa?

ESTACIO. Perdoe-me, Sara. Mas peço-lhe, por tudo, que não procure arredar-me do meu dever. Si eu a sacrificasse, considerarme-ia indigno de mim mesmo.

SARA. Pensa que cumpre assim o seu dever, Estacio?

ESTACIO. Penso. Parto amanhã. Separremo-nos como amigos. Sejam^{os} amigos sempre, Sara.

SARA (*levantando-se*). Adeus, Estacio. Sejam^{os} amigos sempre. Si algum dia decidir-se a voltar, ha de encontrar-me. esperando. (*Sáe*).

Cena XV

LUIZINHA (*da porta*). Então esse idilio eterniza-se? (*Entrando*) Onde está Sara?

ESTACIO. Sara. Sara. Foi-se embóra. .

LUIZINHA. Foi-se embóra? Para onde?

ESTACIO. Por ali. Por ali. (*Luizinha sáe*).

Cena XVI

ESTACIO (*encaminhando-se para a porta*). Vamos. E' preciso não dar a perceber ~~nada~~. (*Pára*). Acalmemos um pouco os ner-

vos. (*Põe-se a andar lentamente de um para outro lado*).

JESUINA (*entrando, com um espanador na mão*). O senhor não vae á mesa?

ESTACIO (*distraidamente*). Não.

JESUINA. Vá, vá que ha lá muito que comer e beber. Ele é o café, ele é o chá, ele é o leite, e rosquilhos, biscoutos, doces, queijo, fruta. (*Põe-se a arranjar os moveis*) Que a casa é farta... (*Estacio senta-se e põe-se a folhear o volume da "Rondonia" aberto sobre a mezinha do centro*). Dizia eu que a casa que é farta. Isso é. E a patrôa, palpita-me que é bôa pessoa. Palavra má que dissesse, ainda lh'a não ouvi. (*Parando em frente de Estacio*) O senhor parece que é parente, não? Ouvi a senhora chamar-lhe sobrinho. E então será primo da menina Luizinha, não?

ESTACIO (*distraidamente*). Sim, parece...

JESUINA (*continuando a arranjar os moveis*). Linda é ela. E que ai Jesus para se meter pelo coração da gente. (*Olhando para Estacio*) E ha de ser irmão da menina Sara, que tambem é sobrinha da casa?

ESTACIO (*levantando-se*). Eu a querer acalmar os meus nervos e esta pateta a irritar-m'os.

JESUINA (*acompanhando Estacio de quando em quando*). Essa, a menina Sara, disse-me a cosinheira que está a casar. E é guapa rapariga. Seriazita, muito metida comsigo. E vestem-se as duas como umas senhoras duquezas. Ricas são elas, está-se a ver com os olhos.

ESTACIO. Oh mulher, faz-me um favor? Eu estou muito preocupado.

JESUINA. Sim? E porque?

ESTACIO. Precizo ficar só. Faça-me o favor de ir um pouco lá para dentro.

JESUINA (*sae; á porta, volta-se*). Este não me parece que tenha o miolo assentado no lugar.

ESTACIO. Uff! acalmemo-nos. (*Depois de alguns passos*) Bem. Estou agora em condições de apresentar sangue frio.

Cena XVII

LUIZINHA (*entrando*). Então vocês já não cazam?

ESTACIO. Sara disse-lh'o?

LUIZINHA. Obriguei-a eu a dizer-me. Vi-o aqui perturbado. Ella tambem pareceu-me, apesar de fingir-se despreocupada, algum tanto fóra do natural. Interroguei-a. Pretes-

tôu que tinha ido mudar a toilette com que viera da rua. Desconfiei de alguma cousa. Sou curiosa. Teimei. Acabei agarrando-lhe o segredo de vocês dous.

ESTACIO. Então, sabe.

LUIZINHA. Sei que resolveram não se casar. E você também está conformado com isso?

ESTACIO. Sim, também.

LUIZINHA. Mas porque não se casam? Sara recuzou terminantemente dizer-m'o. Isto é, deu-me a entender apenas, vagamente, que você, mais aferrado do que nunca aos estudos científicos que o atraem para o sertão, acha que não os deve sacrificar a uns amores de criança...

ESTACIO. Eramos, na realidade, duas crianças. Já não o somos. Eu volto amanhã. E peço-lhe, Luizinha, enquanto eu estiver presente, a maior discreção a respeito deste segredo que lhe confiámos algum tanto á força...

LUIZINHA. Prometo-lh'o. Esse segredo não é meu. E quer que lhe diga? O que vocês assentaram afigura-se-me sensato. Você é um homem votado á ciencia e á gloria. Quer seguir o seu destino. Sara fará um casamento que convenha aos seus gostos e hábitos mundanos.

ESTACIO. Não é?

LUIZINHA. Diga-me, porém, com franqueza: é realmente definitiva a sua resolução?

ESTACIO. E' irrevogavel.

LUIZINHA. Jura-o ?

ESTACIO. Dou-lhe a minha palavra de honra.

LUIZINHA. Então. (*hesita*). Posso dizer-lhe agora o que não poderia a um noivo, e noivo de Sara. Estacio sabe o quanto o estimo, haverá nessa estima fraternal o germen do sentimento mais terno? Não sei. Só agora me será permitido deter-me a analisar o que sinto por você. Está livre, Estacio. Teve a razão de desistir da idéa de casar com Sara. Sara é uma flôr, precioza e delicada, destinada a viçar e esplender nos salões. Sua vocação de sabio sertanista a sacrificaria. Mas.. Sabe que adoro os "sports", as viagens, as emoções violentas, os perigos, as aventuras. Eu tenho alma de bandeirante, como você. E estou tão esposta aos farejadores de dotes... Sou tão rica! Assusta-me o risco de ser vitima de algum aventureiro insinuante. Estacio, quer casar comigo?

ESTACIO. Casar com você ?

LUIZINHA. A você conheço-o. Sei bem o que é e o que vale. Ofereço-lhe confiante-

mente a minha mão, que nunca pretendeu. Feliz da mulher que você associar á sua gloria! Eu queria ser essa mulher...

ESTACIO. Luizinha, acanho-me de lhe dizer que a acho encantadora, que a sua confiança me desvanece, mas que não pretendo casar.

LUIZINHA. E si eu acabasse por convencel-o? Deixe-me tentá-lo. Não lhe peço uma resolução immediata. Ao contrario, peço-lhe que nenhuma tome de primeiro momento. Guardemos tudo isto em suspenso e em segredo até que se encaminhe para Sara um casamento conveniente. Só então você se decidirá. Conceda-me essa espera. Autorize-me apenas, sem nenhum compromisso de sua parte, a experimentar a conquista do seu coração. Que lhe póde custar isso? Você está livre; continuará livre. A que se arrisca? A casar, afinal, comigo? Mas só o fará si, quando o resolver, fôr de seu gosto,

ESTACIO. Não, Luizinha, não devo iludil-a. Não caso com Sara; não casarei com nenhuma outra mulher. Perdoe-me recuzar o generoso coração, a esplendida beleza, a radioza mocidade que me oferece. Mas eu parto amanhã, para sempre. Sigo para o sertão, que é o meu destino. Dezistindo de Sara, eu dezisti de ser feliz.

ACTO II

Cena I

SARA (*entra pela porta A, dirigindo-se á porta C. Pára. Mira-se num espelhinho de estojo*). •A mascara está boa. E agora, coragem.

LUZINHA (*entrando pela porta C*). Ia procural-a. Mamãe notou a sua auzencia. Espliquei que você estava compondo a toilette com que entrara da rua. Ela achou-o natural em noiva tão faceira..

SARA (*com amargura*). Noiva. bem sabe você que já não o sou.

LUZINHA. Vá minha Sara. Estacio lá está em serviço de miss Gribble assanhada por noticias dos bugres. Os outros ouvem, absorvidos. Você tambem fica absorvida — o Estacio fala tão bem! — e poderá assim, sem se comprometer, adoral-o em silencio..

Vocês dois. O meu sonho dourado é ser madrinha num casamento *chic*. Convido-a para minha afilhada.

SARA. Deixemo-nos de fantazias, Luizinha. Nem falemos mais nisso.

LUIZINHA. Quer apostar que você casa com Estacio ?

SARA. Não, Luizinha. O Estacio é um character. Ezejuta com firmeza o que resolve. Eu compreendo-o. No caso dele, parece-me que procederia do mesmo modo.

LUIZINHA. Ora essa! Então você, minha fingida...

SARA. O escrupulo de Estacio é um ezagero. Mas Estacio, você sabe, é um ezagerado. E foi como ele é, e por ser como é, que eu o amei.

LUIZINHA. Que orgulhosa! Que dous me saíram vocês dous!

SARA. O que tenho a fazer é resignar-me. Estou já quasi resignada.

LUIZINHA. Pois eu prohibo-lhe que se resigne. Prohibo-lh'o com a autoridade de irmã mais velha. Faço hoje dezenove annos. Você tem quatro dias menos, é uma criança. (*Batendo o pé*). Quero que você case com Estacio. Morrendo por issq está ele. (*Abraçando-a*) E você tambem, minha flor !

SARA. Não. Estacio não quer, porque pensa que é esse o seu dever. Eu não quero, porque seria humilhante — para mim.. e para ele.

LUIZINHA. Mas quero eu. Estacio adora-a...

SARA. E supõe você que eu duvido disso? . Luizinha, sei quanto é minha amiga. Peço-lhe que não falemos mais desse caso acabado. Repito-lhe o que já lhe pedi: faça de conta que ignora tudo. Só de você não o ocultei — não o pude ocultar. Respeite, como eu respeito, o escrupulo de Estacio.

LUIZINHA. Si você ezije...

SARA. E poupe o que, em tudo isso, posso salvar: o meu amor proprio.

LUIZINHA. O seu amor. proprio. Eu, no seu cazo, tratava de salvar a todo custo... o outro. Fosse comigo. Sabendo que aquele de quem eu gostasse tinha por mim a paixão que o Estacio tem por você, e dezistia de casar comigo por ser pobre (*altivamente*) eu...

SARA. ' Você.

LUIZINHA. Sara, minha irmã, que terrivel ideal... (*Mudando de tom, depois de uma pausa, e empurrando Sara carinhosamente*)
Vá minha Sara. Não escute o seu amor pro-

prio. Lute corajosamente pelo outro, pelo que, como diria miss Gribble, é. "improper". (*Sara sae*).

Cena II

LUIZINHA. (*Depois de chamar, da porta, por gestos, recomendando-lhe silencio, a quem que está dentro*) Que estará pensando de mim o Estacio? Que eu sou uma estouvada, e quero casar com ele. Levemos até ao fim esse logro.

Cena III

D. EMILIA, LUIZINHA

D. EMILIA (*entrando*). Que misterio temos, que você me chamou com tanta mimica?

LUIZINHA (*fazendo-a sentar*). Sente-se mamãe. Bem, A minha mamãesinha promete fazer o que eu lhe pedir?

D. EMILIA. Eu, prometer? Deus me livre. Já estou imaginando que é alguma travesura.

LUIZINHA. E. . si fosse? As minhas travessuras só o são na apparencia. E a minha mamãesinha é tão boa, tão boa!.. (*Abraça-a*).

D. EMILIA. Sae d'aqui, tentaçõesinha. Que estará você preparando?

LUIZINHA. Mamãe quer tanto bem ao Estacio..

D. EMILIA. E depois?

LUIZINHA. Mamãe quer tanto bem a Sara.

D. EMILIA. Outra descoberta. Não vão espalhar-se esses segredos...

LUIZINHA. A minha mamãesinha me dá tudo quanto eu quero...

D. EMILIA. Tenho tido esse defeito. Mas vou tratar de corrigir-me.

LUIZINHA. A minha mamãesinha me dá tudo quanto eu quero...

D. EMILIA. Muito mimo é que eu lhe dou..

LUIZINHA (*sentando-se-lhe no colo*). Sobretudo mimo. mimo... mimo. Ah que mãesinha boa e querida que eu tenho!

D. EMILIA. Mau, mau, mau...

LUIZINHA. Só uma cousa minha mamãesinha nunca me deu, e eu queria tanto ter.

D. EMILIA (*sorrindo*). Um noivo? Dou...

LUIZINHA (*levantando-se*). Noivo arranjarei eu mesma. E ha-de ser do meu gosto... e do seu, prometo-lhe. O que a minha mamãesinha nunca me deu e eu queria tanto ter era...

D. EMILIA. Era ?

LUIZINHA. Um irmão.

D. EMILIA (*levantando-se*). Pois você estará pensando em fazer-me casar? Tenho mais em que cuidar. Não me sobra tempo para perder a ouvir as suas caçoadas.

LUIZINHA (*detendo D. Emilia*). Mamãe, porque não adóta como filho o Estacio?

D. EMILIA. Ah, agora entendo. Mas sempre tinha curiosidade de saber para que...

LUIZINHA. Primeiro, para me dar um grande gosto. Eu gostaria tanto de ter um irmão que fosse o Estacio!.. Depois, para fazer felizes a Estacio e a Sara..

D. EMILIA. Que lembrança! Bem felizes são eles sem isso.

LUIZINHA. Não, mamãe, são muito desgraçados. Muito. Mamãe promete guardar segredo?

D. EMILIA. Prometo.

LUIZINHA. E' um segredo que eu surpreendi por acaso, e só de mamãe posso confiar. Sara e Estacio já não se casam.

D. EMILIA. Estão de arrufos? Isso não dura vinte e quatro horas..

LUIZINHA. Não, mamãe. E' sério. Os dous resolveram não se casarem mais.

D. EMILIA (*levantando-se*.) Vou indagar que criança é essa..

LUIZINHA. Mamãe prometeu guardar segredo. Sente-se. Estacio está pobre.

D. EMILIA. Estacio? Ora, Luizinha... Que fez ele do que tinha?

LUIZINHA. O seu procurador arruinou-o e fugiu. Ele está sem nada. Só o soube ao chegar ao Rio. E veio a S. Paulo para declarar a Sara que não quer sacrificar-a á miseria a que se julga votado. Foi o segredo que surpreendi. Estacio volta amanhã, desesperado, para o sertão, decidido a lá viver. e acabar.

D. EMILIA. E Sara?

LUIZINHA. Sara rezistiu. Acabou por compreender a abnegação de Estacio. Submeteu-se, medroza de o humilhar. Chorou. enxugou as lagrimas. . está fingindo que é a mesma Sara.. e é a mais infeliz das creaturas.

D. EMILIA. E' um caso triste. Mas não o romantizemos. O que os dous rezolveram é sensato. Consolar-se-ão. Sara fará um casamento que lhe convenha. Estacio tambem.

LUIZINHA. Não, mamãe. Sara não casará sinão com Estacio. Estacio não casará sinão com Sara. Os dous são de um velho tronco, o nosso, em que é tradição amar uma só vez, e fazer desse amor unico o supremo interesse

da vida. E' preciso que mamãe os obrigue a casarem.

D. EMILIA (*sorrindo*). A' força? Que lembrança!

LUIZINHA. A' força, sim. Adotando Estacio.

D. EMILIA. E supõe você que, por ser meu filho adotivo, Estacio me obedeceria?

LUIZINHA. Como seu filho adotivo, Estacio poderia casar com Sara. Mamãe é tão rica.

D. EMILIA. Sim, é uma idéa. Mas pensa você, cabecinha de vento, que eu tenho o direito, ou quereria ezercel-o, si o tivesse, de prejudical-a em metade de minha fortuna?

LUIZINHA. Mamãe é tão rica!.. Eu mesma já sou tão rica! E para que? Para que servem as sobras da riqueza senão para fazer o bem? Sara e Estacio são toda a nossa familia. Nós somos a unica familia deles. Gastamos tanto, e foi mamãe que me ensinou e me ensina o gosto disso, em acudir a gente que nem conhecemos. Que melhor poderíamos empregar as sobras da nossa riqueza do que em fazer a felicidade dos nossos, que tanto o merecem?

D. EMILIA. Isso não tem pés nem cabeça. Pois você acredita que eu, por minha vontade! — iria prejudical-a em dous ou tres

mil contos? A sua idéa é uma idéa de criança. Você vê estas cousas com olhos de criança.

LUIZINHA. Mamãe, não pense em prejuizo meu. Eu conheço a historia de uma moça que rompeu com os preconceitos e a ambição dos seus, opulentos e orgulhosos, para casar com o moço de que gostava, e que era pobre... Deus abençoou-a. E os dous foram tão felizes, não foram? até que papae morreu... Minha mamãezinha, não dezeje riquezas, dezeje felicidade para sua filha. Como poderia eu ser feliz vendo Sara infeliz ao meu lado? Minha mamãezinha, o que eu lhe peço não é para Estacio, não é para Sara. é para mim.

D. EMILIA. Mas, minha filha.

LUIZINHA. Adote Estacio, sim, mamãe?

D. EMILIA. E' mais natural dar um bom dóte a Sara.

LUIZINHA (*fazendo um sinal de negativa com a cabeça*). Estacio não casaria com Sara tornada rica. E á adoção de Estacio póde mamãe dar uma fórmula tão delicada! Ele é o unico homem da nossa familia. Foi sempre, mais ainda desde que ficou orphão, como um filho seu. Ser mãe de um homem como Estacio... Que idéa ambicioza e tentadora! Ele não recuzará de certo o que

mamãe, dando-lhe taes motivos, lhe pedir que aceite. E sendo seu filho, Estacio poderá casar e casará com Sara.

D. EMILIA. Farei o que seu coração aconselha, minha filha. Seu coração aconselha sempre bem.

LUIZINHA. Eu tinha certeza disso! Minha mamãezinha é tão boa!. O que é preciso é que nem Estacio nem Sara desconfiem nunca de que eu tive qualquer parte nisso. A idéa é de mamãe. Para mim será uma surpresa.

D. EMILIA. Ora essa! Porque ?

LUIZINHA. Porque eu surpreendi um segredo que mamãe precisa fingir que ignora. E depois, o beneficio que se recebe de uma mãe não humilha. Eu sou uma igual deles. Mamãe é a mãe de nós trez. Arranje isso depressa, mamãe. Estacio está anciozo por voltar para o sertão, coitado. Eu raspo-me. (*Sae. D. Emilia faz soar o timpano e fica pensativa*).

Cena IV

JESUINA. A senhora chamou ?

D. EMILIA. Vá dizer ao sr. dr. Estacio, lá dentro, que lhe peço o favor de vir falar-me.

JESUINA. Vou, minha senhora. E' o que toca no piano ?

D. EMILIA. Não. E' o outro.

JESUINA. — Sim, minha senhora. E que hei-de dizer ao outro ?

D. EMILIA. Ao outro, nada.

JESUINA. Nada?

D. EMILIA. Diga ao sr. dr. Estacio.

JESUINA. Pois é esse que eu cuidava que era o outro.

D. EMILIA (*levantando-se*). E' mais facil ir eu mesma. Você póde voltar para o seu serviço. (*Sae*).

JESUINA. Volto para o meu serviço, que é espanar pó onde o não ha. Volto. Eu só não vou aonde me não mandam. Agora, quando me mandam e me desmandam, não vou. Diz que o tal doutor que é o outro, e que o outro que não é ele. Não entendo esta gente do Brasil. Mas, tirante isso, parece que é boa gente. (*Sae*).

Cena V

D. EMILIA e ESTACIO

D. EMILIA (*entrando com Estacio*). **Sen-temo-nos**. Estacio, sabe que sempre lhe quiz

como a um filho. Terá algum motivo para não o querer ser de verdade ?

ESTACIO (*sobresaltado*). Mas é impossível, titia.

D. EMILIA. Seu pai era meu irmão. Sua mãe foi, desde criança, a minha melhor amiga. Você foi o meu primeiro sobrinho. Posso dizer que o ajudei a criar — e com que entusiasmo de tia de doze anos... Meu marido adorava-o, lembra-se? Até que Luizinha nasceu, você foi como um filho unico do nosso casal. Desde que ficou orphão, foi como um segundo filho meu...

ESTACIO. Sim, titia. Tem sido para mim uma carinhoza segunda mãe...

D. EMILIA. Estou acostumada a isso... Porque me recuzará titulo para o ser de verdade ?

ESTACIO. Mas é impossível, titia. Perdoe-me...

D. EMILIA. Impossível? Era um dezejo que eu trazia de longe... Muito, pelo afeto que lhe tenho; um pouquinho por ambição. Ter por filho um homem como você, participar na sua gloria... Ser mãe de todos os que são hoje a minha familia, e que no meu coração parece que são todos meus filhos, Luizinha, Estacio, Sara...

ESTACIO. Sara?.

D. EMILIA. Pois como mulher de meu filho Sara não será, mais ainda do que já a considero, minha filha?

ESTACIO. Sara, minha mulher?..

D. EMILIA. Sei que ainda não o é. Mas vocês não pretendem ficar indefinidamente noivos, suponho.

ESTACIO. Não estou entendendo bem, tia...

D. EMILIA. Uma cousa tão simples? Que eu dezeje fazel-o meu filho adotivo?

ESTACIO. Ah, minha boa tia, compreendo. E quero, de todo o coração, ser seu filho. Mas só de coração o posso ser.

D. EMILIA. Porque ?

ESTACIO. Porque a lei não permite que adotem os que têm filhos legítimos.

D. EMILIA. Tem certeza disso ?

ESTACIO. Toda a certeza.

D. EMILIA. Ora essa. Então a lei me impede.

ESTACIO. A lei defende, e com razão, os direitos de Luízinha. Mas não me proíbe de a adorar como a melhor das mães.

D. EMILIA. Ora essa! Ha leis bem esquisitas! (*Pausa*). Mas eu quero realizar, ainda que truncado, esse dezejo que era uma alegria do meu coração. Estacio, você não pre-

cisa de mim; mas eu preciso de você. Já lhe disse que tenho a ambição de participar na sua gloria, de colaborar de algum modo no seu esforço pela da nossa terra... Se não fosse a lei, você aceitava-me para sua mãe adotiva, não aceitava? Diga. Diga que sim.

ESTACIO. E poderia recusar-o, minha boa mãe ?

D. EMILIA. Obrigada, meu filho. Pois bem. A lei não proibe que eu disponha de uma parte dos meus bens.

ESTACIO. Oh! titia, que idéa...

D. EMILIA. Volta a tratar-me por titia. Tel-o-ei offendido, Estacio ?

ESTACIO. Perdoe-me. Mas o que lembra...

D. EMILIA. Teve você escrupulo ao receber a herança de seus paes? Sentir-se-ia melindrado por um legado no meu testamento? Recuzaria mesmo toda a minha fortuna si eu morresse sem outro herdeiro? Porque ha-de regeitar de mim, viva, o que não regeitaria si eu estivesse morta? Porque ha-de privar-me desse grande prazer de entregar-lhe por minhas mãos o que lhe destinava quando tinha a doce esperança de fazel-o meu filho adotivo?

ESTACIO. Peço-lhe encarecidamente que não pense nisso. Como poderia eu consentir em despojar Luizinha do que é dela?

D. EMILIA. Dela? O que é meu não é de Luizinha, é meu. Luizinha é já muito rica, demaziado rica para o seu gosto. Meta-de da minha fortuna em nada altera a situação dela. Tem por você uma amizade que é quazi um culto. Conheço-a. Receberá esta noticia com entusiasmo — e dirá a proposito duas graças. Vou chamal-a.

ESTACIO. Titia, peço-lhe...

D. EMILIA. Ella deve estar-se preparando para o jantar. Vou chamal-a.

Cena VI

ESTACIO, só

ESTACIO. A minha recuza seria uma grosseira ingratidão. E tenho a certeza de empregar dignamente essa riqueza, honrando aquella que m'a confia. Sara, minha pobre e querida Sara! Tive coragem de perder-te uma vez, não tenho a de perder-te segunda. O que eu queria é que tu fosses feliz. A tua felicidade está agora nas minhas mãos — sou eu. Tel-a-ás, minha Sara!... E Lui-

zinha? não nos preocupemos, a proposito de couzas sérias, como uma travessura de criança. Num repente de entusiasmo, Luizinha pensou em casar comigo. Já estará pensando em outra couza.

Cena VII

ESTACIO, D. EMILIA, LUIZINHA, JESUINA

(Ao chegarem D. Emilia e Luizinha á porta A, Jesuina, pela porta B, dirige-se a D. Emilia, que fica a ralar-lhe baixo, enquanto Luizinha se dirige a Estacio).

JESUINA *(a D. Emilia)*. Minha senhora, pareceu-me ouvir dizer ao copeiro que não sabia quantas pessoas seriam a jantar. Como eu tambem não sabia, vim perguntar...

LUIZINHA *(a Estacio)*. Será que você se decidiu ao que lhe propuz? Previnô-o, porém, de que tudo deve ficar em segredo até encaminharmos um casamento conveniente para Sara.

D. EMILIA. A surpresa que eu queria fazer-lhe na presença de Estacio era dizer-lhe que ele acedeu, por muita instancia minha, em ser meu filho adotivo...

ESTACIO. Perdão...

LUIZINHA. Filho adotivo? Para que é isso? Elle sempre foi aqui em caza o filho mais velho. Quantas vezes eu dizia que mamãe queria mais bem a Estacio do que a mim. Não vejo novidade nenhuma...

ESTACIO. Perdão, minha prima...

LUIZINHA. Está perdoado por esta vez, primo Estacio.

ESTACIO (*sorrindo*). Perdão, Luizinha. Ha no que titia pretende uma novidade que lhe interessa. A minha adoção cauzar-lhe-ia um prejuizo enorme. Como seu irmão...

LUIZINHA. Não poderá casar comigo? E' pena. Você bem sabe que eu o considerava um otimo partido.

D. EMILIA. Fale sério, Luizinha. O escrupulo de Estacio..

ESTACIO. Não é só um escrupulo, titia.

D. EMILIA. E' que, como seu irmão, ele participará com você na minha fortuna.

LUIZINHA. Estacio, vou falar serio. Mamãe manda, eu obedeço. Do contrario, saltava-lhe ao pescoço chamando-lhe maninho... Tudo quanto mamãe faz é bem feito. Foi preciso que ela instasse com você? Isso é ingratição, Estacio.

ESTACIO. Não, Luizinha...

LUIZINHA. E' preciso que eu tambem inste? Peço-lhe que aceite. Peço-o de todo o coração. Mamãe vai ficar tão contente com isso... E eu tambem. Nós fomos sempre, desde crianças, como irmãos. E eu não lhe dizia (*a D. Emilia*) que gostaria tanto de ter um irmão que fosse o Estacio? Você não póde recuzar, e não o recuza a mamãe, não?

ESTACIO. Não sou ingrato. E não quero parecer que o sou. (*Beija a mão a D. Emilia*).

D. EMILIA. Obrigada, meu filho.

(*Estacio pretende beijar a mão de Luizinha*)

LUIZINHA (*oferecendo-lhe a testa*). Aqui. Entre irmãos, o que você pretendia seria pedantismo.

D. EMILIA. Vou dar uma vista d'olhos lá por dentro.

LUIZINHA. E eu vou cantar. Você livrou-se de mim, que tentei caçal-o para marido. Mãe foi mais habil do que eu: caçou-o para filho. Enfim, sempre ganhei um irmão. Serve. Estou contente. (*Dirige-se para o piano.*)

ESTACIO. Esta cabecinha de vento tem um grande coração.. Agora, ao pensar nisso, lembro-me de que sempre o teve assim..

LUIZINHA (*cantando*):

OLHOS VERDES (*)

Olhos encantados, olhos cor do mar,
Olhos pensativos que fazeis sonhar..

Que formozas couzas, quantas maravilhas
Em vos vendo sonho, em vos fitando vejo...
Córtes pitorescos de afastadas ilhas
Abanando no ar seus coqueiracs em flor,
Solidões tranquilas feitas para o beijo,
Ninhos verdejantes feitos para o amor...

Cena VIII

LUIZINHA, ESTACIO, GERVASIO, SARA, MISS
GRIBBLE, e, depois, D. EMILIA

GERVASIO (*entra, seguido de Sara e miss Gribble, e dirige-se a Luizinha*). Corri para a minha obrigação. Permite que a acompanhe ?

LUIZINHA (*cedendo-lhe o lugar ao piano*). Permito. Vou buscar a musica. (*Vae á estante, onde se demora escolhendo*).

MISS GRIBBLE (*a Gervasio e Sara, depois de olhar no relógio de pulseira*) Oooh, preciso preparar-me para o jantar. Permissão (*Sae*).

(*) Musica do Maestro Antonio Carlos.

ESTACIO (a Sara). Concede-me uma palavra, Sara ? (*Sara olha-o admirada, e acompanha-o para o outro lado da cena*).

LUIZINHA (*Baixo, a Gervasio*). Espere um pouco. Finja que estamos falando em segredo... que estamos trocando confidencias. (*Fica a observar disfarçadamente Estacio e Sara*)

ESTACIO. Sara, nossa tia, ignorando a minha situação, transformou-a por completo...

SARA. Como ?

ESTACIO. Quiz adotar-me por filho... isto é, que eu aceitasse parte da sua fortuna...

SARA. E você ?

ESTACIO. Poderia recuzal-o?

SARA. Fez bem, Estacio. Ela sempre lhe quiz como a um filho.

ESTACIO. Aceitei por ella, e por... nós dous. E agora.

SARA. Estacio, mesmo o que você considerava um obstaculo entre nós, nunca o foi para mim. (*Estende-lhe a mão, que Estacio aperta demoradamente. Em seguida, começando Luizinha a cantar, os dois aproximam-se do piano*)

LUIZINHA (*cantando*):

Olhos pensativos que falais de amor !

Vem caindo a noute, vae subindo a lua;
O horizonte, como para recebel-as,
De uma fimbria de ouro todo se debrua;
Afla a briza, cheia de ternura ousada,
Esfrolando as ondas, provocando nelas
Bruscos arrepios de mulher beijada.

Olhos tentadores da mulher amada !

Uma vela branca, toda alvor, se afasta
Balançando na onda, palpitando ao vento;
Eil-a que mergulha pela noute vasta,
Pela vasta noute feita de luar.
Eil-a que mergulha pelo firmamento
Desdobrado, ao longe, nos confins do mar.

Olhos scismadores que fazei scismar!

Branca vela errante, branca vela errante,
Como a noute é clara! Como o céu é lindo!
Leva-me contigo pelo mar. Adiante !
Leva-me contigo até mais longe — a essa
Fimbria do horizonte onde te vais sumindo
E onde acaba o mar, e de onde o céu começa..

Olhos abençoados, cheios de promessa !

Olhos pensativos que fazeis sonhar,
Olhos cor do mar !

D. EMILIA (*que entrara emquanto Luizinha cantava. A Estacio*). A sua mala chegou. Era só uma ?

ESTACIO. A minha mala ?

D. EMILIA. Logo que você disse que tinha decido na Rotisserie, mandei buscar a sua bagagem. Não está com saudades do seu quarto? Vá vel-o, (*Discretamente*) E leve o sr. Gervasio, que ha-de querer preparar-se para o jantar.

ESTACIO (*a Gervasio*). Faço empenho em mostrar-lhe como nesta casa é principe um filho prodigo. Venha comigo ver o meu quarto, que não vejo ha dous anos...

GERVASIO (*acompanhando-o*). Com muito prazer. Dão-me licença ?

D. EMILIA (*a Estacio*). Sabe o caminho?

ESTACIO. Nunca fui esquecido, titia. (*Estacio e Gervasio saem*).

Cena IX

SARA (*apertando a mão a Luizinha*). Oh, Luizinha.

D. EMILIA (*a Sara*). Destinei para dote do seu casamento uma noticia, Estacio...

SARA (*abraçando-a*). Já sei, minha boa, minha querida. sogra.

D. EMILIA (*sorrindo*). Já sabia? Pois eu queria fazer-lhe a surpresa. Vão confiar segredos a crianças..

SARA (*abraçando Luizinha*). E foi você...

D. EMILIA. Foi Luizinha? Que lingua de trapos!

SARA (*sorrindo*). Quem me contou? Não. Isso foi Estacio... O que Luizinha fez foi.

LUIZINHA (*recommendo-lhe segredo*). Eu não fiz nada, senão aplaudir a idéa que mamãe teve. Foi uma surpresa para mim.

SARA. Luizinha!

LUIZINHA. Sara, eu não traí o segredo que surpreendi, e não era meu. Você está sendo injusta para comigo. e ingrata para com mamãe.

D. EMILIA. Não entendo nada do que vocês estão aí tagarelando. Antes vão tagarelar ao piano (*empurra-as docemente*).

LUIZINHA (*a Sara*). Vamos, passarinho contente. Cante que é madrugada. (*Senta-se ao piano, e acompanha*) Isto.

SARA (*cantando*):

* Faz frio. Ha bruma. Agosto vae em meio
E eu iria jurar, bemdito engano,
Que a primavera veiu
Antes do tempo, este ano.

(*) Muzica do Maestro Antonio Carlos.

Vi-te. Sob o nevoento céu de Agosto
 Nem os jardins começam a brotar;
 Mas ha rozas no teu rosto
 E azul, azul de ceu, no teu olhar.

Que importa o frio? a bruma? Agosto em
 meio?
 Juro, posso jurar-o, não me engano:
 A primavera veiu
 Antes do tempo, este ano.

Amo-te. E assim como se não houvesse
 Inverno, e a terra nua, e a bruma no ar,
 O meu coração florece
 E ha luz, ha luz de sol, no meu olhar.

(*Ao meio do canto, Estacio e Gervasio
 aparecem á porta, onde estacam, discretamente*).

Cena X

ESTACIO (*a Sara*). O meu coração florece,
 E ha luz, ha luz de sol, no meu olhar...

LUZINHA. Sara cantou...

GERVASIO.* Como um rouxinol.

LUZINHA. Não. O rouxinol não é nosso.
 E cantá de noute. O sabiá canta de madrugada.
 E tem a voz aveludada, de uma sua-

vidade sem igual. (À *Estacio*). *Estacio*, sabe que Sara é uma perfeição?

ESTACIO (*sorrindo*). E'?

LUIZINHA. Esta lindezinha, este encanto, este mimo, tem um coração de deusa.

SARA. Ora, *Luizinha*.

LUIZINHA. E você, rude nambiquara e meu irmão mais velho, vá se habituando á idéa de adorar de joelhos... o seu idolo. Ou terá de haver-se comigo. E, por falar nisso. Perdoa-me ter ha pouco tentado sobre você uma esperiencia?

ESTACIO. Uma esperiencia ?

D. EMILIA. Temos travessura...

LUIZINHA. Você chegou hoje, e de longe. De outro modo, já teria percebido o que aqui todos sabem. Sara, minha confidente de todos os dias, poderá contar-lhe por miudos essa historia velha. Eu gosto, e ha muito tempo, de um moço — como Sara gosta de você. Não é verdade, Sara ?

SARA. Dou o meu testemunho.

LUIZINHA. E esse moço... gosta de mim... Creio que como você gosta de Sara... Não é verdade, senhor *Gervasio* ?

GERVASIO. Eu?!!!

D. EMILIA. Oh, *Luizinha* !

LUIZINHA (*tapando-lhe a bocca*). Não diga nada por enquanto, mamãe. A vez agora é minha. (*A Gervasio*) Sim, o senhor gosta de mim. E não quer casar comigo. Eu leio na sua alma como num livro que já sei de cór. Não quer casar comigo, ou supõe que não quer, porque eu tenho um defeito. O senhor considera humilhante pretender uma moça que tem o defeito de ser rica. Eu, que sou uma criaturinha vulgar, não me sinto humilhada por querer casar com um grande artista. Ponha de parte o seu amor proprio como eu estou pondo o meu. Ha outro que vale mais do que esses dous. Se a minha riqueza é um embaraço á nossa felicidade, desistámos dela. Ha tanto meio de dispor com utilidade para outrem de uma riqueza inutil para a gente... Quer, no seu justo orgulho, ser sempre o artista que é, e dever-se apenas ao seu genio e ao seu trabalho? Mas não sacrifique a essa nobre ambição o que não é preciso sacrificar. Eu serei, contente, a mulher do modesto professor de canto que o senhor não quer deixar de ser...

GERVASIO (*a D. Emilia*). Dá licença que eu diga á sua filha o que sinto?

D. EMILIA (*sorrindo*). Diga. Mas diga-lhe tudo quanto realmente sente.

GERVASIO (*a Luizinha*). Minha senhora, eu nunca lhe disse, ou a ninguém, que a amava..

LUIZINHA. O senhor foi sempre tão discreto. Mas o meu dedo mindinho.

GERVASIO. Nunca lhe dei a perceber qualquer sentimento...

LUIZINHA. A mim? Nunca. Sara é que percebia, e me contava..

GERVASIO. Mais de uma vez, tentando fugir, arrancar-me a esta situação que considerava insolúvel, pedi dispensa.

D. EMILIA. Mas Luizinha não queria outro professor.

LUIZINHA. E mamãe não queria outro genro...

GERVASIO. E eu não tinha coragem. Porque. . Porque. (*Agarrando o braço de Estacio*) Mas diga-me, pelo amor de Deus, eu não estarei sonhando?

ESTACIO. Está vivendo o mais belo sonho da vida.

D. EMILIA. (*Que tem estado enlaçando Luizinha. A Gervasio*). Então para mim não ha um abraço?

GERVASIO (*beijando-lhe a mão*). Perdoe-me.. Estou tão atordoado.

LUIZINHA (*indo buscar Miss Gribble, que apparecera á porta, em grande toilette*).

Apresento-lhe o senhor Gervasio Gomes, um grande artista, que deu á sua Luizinha a honra de aceitar-lhe a mão. Miss Anna Edith Gribble, que me atura desde que eu era assim, e para quem eu sou, e espero ser sempre, a sua pequena Luizinha.

MISS GRIBBLE. O senhor fará venturosa minha pequena Luizinha. Sim... Ambos.

LUIZINHA. Miss Gribble ha-de conservar-se sempre a minha amiga e companheira, não ?

MISS GRIBBLE. Sim, sempre! Da minha "terrible" Luizinha.

LUIZINHA.. Agora, mais do que nunca, preciso das lições da minha excelente professora. Não sei ser noiva...

MISS GRIBBLE (*rindo*). Ooooh.. Melhor do que eu.... Muito.

ESTACIO. Desculpe-me, Gervasio, furtar-lhe por dous minutos a atenção de sua noiva. E' para uma questão grave.

GERVASIO (*sacando o relógio e sorrindo*). Se é só por dous minutos...

ESTACIO (*a Luizinha*). Você dá-nos uma palavra? (*Retira-se com Luizinha e Sara, para um lado da cena*).

D. EMILIA (*a Gervasio*). Que nova conspiração estarão os tres tramando depois da

que com tanto sucesso urdiram contra o senhor? Porque o sr., está visto, foi victima de uma conspiração....

GERVASIO (*sorrindo*). Victima inocente...

D. EMILIA. Pela sua innocencia não pongo a mão no fogo. Diga que também não acredita na minha.

ESTACIO (*a Luizinha*). Luizinha, você sabia do motivo por que eu dezistira de casar com Sara?

LUIZINHA. Sabia. Isto é.. Desconfiei de que houvera na sua vida algum transtorno grave. Só assim se explicava... e Sara não conseguiu occultar-m'o de todo.

SARA. Ella sabia. Eu disse-lh'o.

ESTACIO (*a Luizinha*). Essa idéa de adoção foi sua. Confesse-o.

SARA. Foi sua, confesse.

LUIZINHA. Não. Essa idéa foi de mamãe. Só della.

ESTACIO. Luizinha!...

LUIZINHA. Estacio, eu limitei-me a pôr em prova a sinceridade da razão que você dera a Sara. Você me perdoa, não perdoa? Eu queria saber com certeza si devia aconselhar Sara a rezistir-lhe — ou a esquecel-o. Depois, instei com ella a que rezistisse, e lutasse corajosamente...

SARA. E' verdade. Mas foi só isso, Luizinha?

LUIZINHA. Foi. A idéa da adoção de Estacio foi, espontaneamente, de mamãe, que nada sabia e nada sabe. Eu não traí o segredo que surpreendi a vocês dous. A idéa que mamãe teve nunca me ocorrêra; e entretanto era tão natural, não era? Querem que ella o confirme? (*Chama D. Emilia*).

ESTACIO. Não é preciso. Afinal o diabrete que eu conhecia.

D. EMILIA. Está peor. Eu não lhe disse?

ESTACIO. .Disfarçava um anjo.

LUIZINHA (*chama Gervasio. A este*). Estacio está-me revelando que eu sou um anjo. O senhor sabia? Porque nunca me disse?

GERVASIO. Porque era inutil. O seu dedo mindinho adivinhava tão bem tudo que eu pensava e sentia.

O COPEIRO (*á porta*). O jantar está servido.

D. EMILIA. Vamos jantar. Jantar de noivos. (*A miss Gribble*) Convido-a para sentarse ao meu lado. Só assim teremos, as duas, com quem conversar. E a pobre de miss Gribble tem agora tarefa dobrada: tomar conta de dous...

MISS GRIBBLE. Oooh, não! Só um. (*A aponta e acaricia Luizinha*) Um. Sempre, não?

D. EMILIA. Em todo o caso, recomendo-lhe.. os quatro. (*Todos riem. D. Emilia, Sara e Estacio saem. Miss Gribble fica junto á porta, esperando*).

LUIZINHA (*a Gervasio*). E diga-me agora, não era um exagero seu pensar que a flor do meu beijo

Pende de rama tão alta?

(*Gervasio faz um movimento para colher o beijo que ela lhe oferece*).

MISS GRIBBLE. (*avançando*) Oooh!...
“improper”!

CÁE O PANO

INDICE

Os humildes.	5
Crianças	57
Estremos	71
Em roda do fogo	81
Selvajem	99
Luizinha:	
Acto I	131
Acto II	167

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).